3
Análise crítico-literária de Gn 1,1-3

Tendo assentado o fundamento fenomenológico-religioso com o qual a Tese se aproxima de Gn 1,1-3, é necessário, agora, aplicar tratamento histórico-crítico diretamente à perícope, para o que se dão oito passos argumentativos. Primeiro, anaisa-se crítico-textualmente a passagem. Em seguida, analisa-se a estrutura que rege a construção sintática, logo, retórica, de Gn 1,1-3. Em terceiro lugar, procura-se "justificar" a razão do recorte de Gn 1,1-3 enquanto escopo literário da Tese. Como quarto passo, discute-se a identidade léxico-morfológica da expressão ṯōhû wāḇōhû, amiúde tratada como "adjetivo", quando, a rigor, consiste em hendíade, ou seja, a soma de dois substantivos – o que repercute significativamente sobre a compreensão histórico-social do texto. Chega-se, então, ao quinto momento: a análise sintática de Gn 1,1-3, onde se procura evidenciar a dependência sintática do v. 1 em relação ao v. 2. Passo dado, seguem-se o sexto e o sétimo, em que se discutem as questões relativas, respectivamente, a autoria e data da composição. Como último passo, apresenta-se uma "leitura" de Gn 1,1-3 que leva em conta os sete momentos anteriores.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

3.1
Análise crítico-textual de Gn 1,1-3

1 [1]בְּרֵאשִׁית בָּרָא אֱלֹהִים אֵת הַשָּׁמַיִם וְאֵת הָאָרֶץ׃ [2]וְהָאָרֶץ הָיְתָה תֹהוּ וָבֹהוּ וְחֹשֶׁךְ עַל־
פְּנֵי תְהוֹם וְרוּחַ אֱלֹהִים מְרַחֶפֶת עַל־פְּנֵי הַמָּיִם׃ [3]וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יְהִי אוֹר וַיְהִי־אוֹר׃

O aparato crítico da BHS apresenta uma única observação crítico-textual

referente aos versos de Gn 1,1-3[1]. Trata-se da advertência a respeito da vocalização da primeira palavra do texto, בראשית. Faz constar: "Orig *Βρησιθ* vel *Βαρησηθ* (-*σεθ*), Samar *bārāšiṯ*". Nos termos da nota crítico-textual do aparato, tanto Orígenes, quanto o texto Samaritano[2] do Pentateuco fazem supor a pronúncia bā, em lugar de bə. Por sua vez, a vocalização bā pressupõe a existência do artigo hebraico, de modo que, enquanto bərēʾšîṯ, constituindo-se, a seu tempo, morfologicamente, de preposição e substantivo[3], significa, literalmente, "em (um) princípio [de]", o "de" pressuposto pela forma construta conseqüentemente implicada pela ausência do artigo, bārēʾšîṯ, constituindo-se, a seu tempo, também morfologicamente, de preposição *mais* artigo *mais* substantivo, significa, literalmente, "no princípio". Da vocalização pressuposta no registro do aparato, considerando-se a existência do artigo, resulta a leitura do v. 1 como cláusula absoluta: "No princípio criou ʾĕlōhîm os céus e a terra".

Quanto às transliterações gregas do texto hebraico, segundo Alexander Heidel, "bereshit na abertura do verso de Gênesis aparece como *βαρησηθ, βαρησεθ, βρησιθ, βρισηθ,* e *βρησιδ*"[4], o que, segundo Claus Westermann, significaria que o transliterador teria presumido a vocalização bārēʾšîṯ[5].

Com efeito, a Bíblia de Kittel ainda apresentava a sugestão no seu respectivo aparato crítico, considerando a possibilidade de vocalizar bārēʾšîṯ. Dessa forma, resultaria a leitura tradicional das versões: "no princípio". Os editores da *Biblia Hebraica Stuttgartensia*, no entanto, optaram pela supressão da nota, mantendo no texto hebraico a forma בְּרֵאשִׁית. Registre-se que a LXX[6] igualmente testemunha a vocalização sem artigo: ἐν ἀρχῇ ἐποίησεν ὁ θεὸς τὸν οὐρανὸν καὶ τὴν γῆν.

---

[1] Cf. O. EISSFELDT, *Librum Genesis. Biblia Hebraica Stuttgartensia. Editio quarta emendata*. Stuttgart: Deutesche Bibelgeselschaft, 1990.
[2] Segundo a BHS, "pronuntatio Samaritana secundum P. Kahle, The Cairo Geniza 195, appendix II p. 318".
[3] Cf. A. CHOURAQUI, *No Princípio (Gênesis)*, p. 30. Para uma discussão acerca da ausência do artigo, cf. M. F. J. BAASTEN, First Things First: The Syntax of Gn 1:1-3 Revisited, in: M. F. J. BAASTEN e R. MUNK (ed), *Studies in Hebrew Language and Jewish Culture*, p. 187-188.
[4] A. HEIDEL, *The Babylonian Genesis*, p. 92-93.
[5] Conclusão de C. WESTERMANN, *Genesis 1-11*, p. 94. A rigor, válida *apenas* para as duas primeiras transliterações, mas não para as três últimas, que, segundo o mesmo raciocínio, pressuporiam bərēʾšîṯ.
[6] *LXX – SEPTUAGINTA*. Edited by Alfred Rahlfs. Stuttgart: Württembergische Bibelanstalt: Deutsche Bibelgesellschaft, 1935.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

A presente Tese assume a vocalização constante do texto hebraico da BHS, בְּרֵאשִׁית – bərēʾšîṯ, considerando desnecessária qualquer alteração prosódica na leitura tradicional do termo de abertura de Gn 1,1-3.

3.2
Análise da estrutura de Gn 1,1-3

A marcação estrutural de Gn 1,1-3 na BHS é a seguinte:

Biblia Hebraica Stuttgartensia	
בְּרֵאשִׁית בָּרָא אֱלֹהִים	1a
אֵת הַשָּׁמַיִם וְאֵת הָאָרֶץ׃	1b
וְהָאָרֶץ הָיְתָה תֹהוּ וָבֹהוּ	2a*α*
וְחֹשֶׁךְ עַל־פְּנֵי תְהוֹם	2a*β*
וְרוּחַ אֱלֹהִים	2b*α*
מְרַחֶפֶת עַל־פְּנֵי הַמָּיִם׃	2b*β*
וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יְהִי אוֹר	3a
וַיְהִי־אוֹר׃	3b

No v.1, o disjuntivo ʾatnaḥ[7] (̣) em אֱלֹהִים assinala, aí, a separação do verso em dois estíquios: 1a – bərēʾšîṯ bārāʾ ʾĕlōhîm, e 1b – ʾēṯ haššāmayim wəʾēṯ hāʾāreṣ.

No v. 2, o disjuntivo ʾatnaḥ está aplicado a תְהוֹם, sendo aí que se propõe a

[7] Para o *disjuntivo* (ou *Domini*) ʾatnaḥ, cf. E. de F. FRANCISCO, *Manual da Bíblia Hebraica*, p. 191 e 194.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

disjunção do verso em dois estíquios: 2a – wəhāʾreṣ hāyṯāʰ ṯōhû wāḇōhû wəḥōšeḵ ʿal-pənê ṯəhôm, e 2b – wərûᵃḥ ʾĕlōhîm məraḥep̄eṯ ʿal-pənê hammāyim. Cada estíquio, por sua vez, faz-se reger pela presença de um segundo disjuntivo, dessa vez um zāqēp̄ qāṭān[8] ( ). O primeiro zāqēp̄ qāṭān, posto em וָבֹהוּ, divide o estíquio 2a em 2a*α* (wəhāʾāreṣ hāyṯāʰ ṯōhû wāḇōhû) e 2a*β* (wəḥōšeḵ ʿal-pənê ṯəhôm). O segundo, posto em אֱלֹהִים, divide o estíquio 2b em 2b*α* (wərûᵃḥ ʾĕlōhîm) e 2b*β* (məraḥep̄eṯ ʿal-pənê hammāyim).

No v. 3, o disjuntivo ʾatnaḥ está aplicado a אוֹר, de modo que fica estabelecida, assim, a divisão do verso em dois estíquios, 3a (wayyōʾmer ʾĕlōhîm yəhî ʾôr) e 3b (wayəhî-ʾôr).

A divisão proposta pela BHS para Gn 1,1 não apresenta necessidade de discussão, uma vez que se trata, apenas, de facilitar a referência aos elementos sintáticos do verso, destacando o objeto direto (ʾēṯ haššāmayim wəʾēṯ hāʾāreṣ) do restante da oração (bərēʾšîṯ bārāʾ ʾĕlōhîm). O mesmo vale dizer para o v. 3, com a consideração, apenas, de que facilitar-se-ia, ainda mais, a referência, caso se trabalhasse com uma divisão em três partes do verso: 3a*α* – wayyōʾmer ʾĕlōhîm, 3a*β* – yəhî ʾôr, e 3b – wayəhî-ʾôr. Uma vez que cada estíquio constituir-se-ia com um verbo – cada qual, portanto, regendo sintaticamente uma oração –, a referência a cada uma das três seções, "e disse ʾĕlōhîm", "seja a luz" e "e a luz foi" resultaria mais precisa.

A situação de Gn 1,2, contudo, apresenta-se discutível. É preciso dizer que a colocação do ʾatnaḥ em תְּהוֹם, separando aí o v. 2 em duas partes, wəhāʾāreṣ hāyṯāʰ ṯōhû wāḇōhû wəḥōšeḵ ʿal-pənê ṯəhôm, de um lado, e wərûᵃḥ ʾĕlōhîm məraḥep̄eṯ ʿal-pənê hammāyim, de outro, impõe uma disjunção sintática e retórica entre duas formulações que, a rigor, encontrar-se-iam em um plausivelmente perceptível paralelismo estrutural sinonímico, a saber, de um lado, wəḥōšeḵ ʿal-pənê ṯəhôm, e, de outro, wərûᵃḥ ʾĕlōhîm məraḥep̄eṯ ʿal-pənê hammāyim.

A divisão constante da BHS acentua a opção mais tradicional – e

[8] Para o *disjuntivo* (ou *Domini*) zāqēp̄ qāṭān, cf. Idem, p. 192 e 195.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

marcadamente "teológica" – de considerar-se חֹשֶׁךְ (ḥōšek̲), de um lado, e אֱלֹהִים רוּחַ (rûªḥ ʾĕlōhîm), de outro, como elementos antagônicos[9]. Tende-se, pois, a tratar-se ḥōšek̲ como um elemento a ser superado pela ação criadora da divindade, e rûªḥ ʾĕlōhîm como um elemento pertinente à própria ação criadora da divindade[10]. O fundamento da opção resulta, portanto, aparentemente mais teológico, a rigor, doutrinário ou dogmático, do que propriamente exegético. Com um agravante: o fundamento doutrinário ou dogmático corresponderia a desenvolvimentos receptivos-normativos muito posteriores, tributários da história da recepção de Gn 1,1-2,4a.

Nos termos da estrutura textual de Gn 1,1-3, vale observar que as duas formulações encontram-se em um possivelmente intencional rigoroso paralelismo estrutural, logo, sinonímico[11], o que pode ser demonstrado como plausível, e,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

---

[9] Por exemplo, "o Espírito de Deus é o princípio criativo de movimento e de vida" (W. PANNENBERG, *Systematic Theology*, p. 79), e isso é dito imediatamente após, referindo-se em nota a Von Rad, considerar que identificar rûªḥ com "uma tempestade extremamente violenta", um "furacão" é uma "idéia grotesca" (p. 78). Mas "grotesca" em relação a quê? Certamente, à "idéia teológica" que W. Pannenberg já tem antes da exegese. Segundo minha opinião, a divisão proposta pela BHS contibui para esse tipo de posicionamento interpretativo, reiterada recentemente (cf. S. T. UM, *Theme of Temple Christology in John's Gospel*, p. 79). Além disso, a divisão proposta pela BHS, porque separa "trevas" e "vento", tem por conseqüência – será fruto dela? – a descaracterização do contexto "agonístico" da criação, já que as forças contra-criativas ou não-criativas que ʾĕlōhîm tem de enfrentar reduzem-se às "trevas", já que, pelos caminhos construídos por meio dessa sintaxe, rûªḥ ʾĕlōhîm chega a comportar-se como "agente" da criação. Por exemplo: "a batalha entre o deus criador e as águas/dragão do caos, tão prevalecente na literatura dos vizinhos de Israel, não ocorre em Genesis 1" e, ainda que outras partes do cânon expressem-se por meio de uma cosmogonia que conhece o motivo da batalha, o escritor de Gn 1,1-2,4a seja pintado como um "artista majestoso chamando calmamente o mundo à existência" (cf. M. C. CALLOWAY, Cannonical Criticism, in: S. R. HAYNES e S. L. MCKENZIE (ed), *To Each Its Own Meaning: An Introduction to Biblical Criticisms and Their Meaning Application*, p. 150). Sim, é verdade, as "águas", em Gn 1,2, não são imaginadas como "dragões", mas elas são, sim, descritas como cobertas de trevas e sob o efeito tempestuoso de um vento superlativo. Não são dragões na plástica, mas o são no enredo dramático. O "criador" aí pode até comportar-se como o rei majestoso, a dispensar ordens de execução, mas apenas depois de atuar – ele mesmo – como o rei guerreiro, que vence as águas contra-criativas, e, então, pode, agora, trazer o mundo à existência. Tudo isso é coisa que cansa – e muito. Por isso, ao final, ʾĕlōhîm "descansa" – e, quem aposta?, em seu templo-palácio. Para uma posição ainda mais contundente, segundo a qual o rûªḥ de ʾĕlōhîm encontra-se em pleno confronto – "face-to-face" – com as águas, cf. R. LUYSTER, *Wind and Water: Cosmogonic Symbolism in the Old Testament*, p. 1-10.

[10] A questão não é menor. Dela deriva o caráter de rûªḥ ʾĕlōhîm aí. Se a disjunção é operada entre 2a e 2b, tender-se-á a considerar rûªḥ ʾĕlōhîm um paralelo de "treva" – logo, força contra-criativa. Se, ao contrário, como quer a BHS (e como fez a TEB), a divisão se dá no v. 2b, divindindo-o em dois estíquios independentes, seja traduzindo a expressão como "vento", "sopro" ou "espírito" de ʾĕlōhîm, tender-se-á a considerar rûªḥ ʾĕlōhîm como, em algum nível de ação participativa, agente da criação (cf. W. P. BROWN, *Structure, Role and Ideology in the Hebrew and Greek Texts of Genesis 1,1-2,3*, p. 75-77).

[11] Cf. por exemplo, A. I. BAUMGARTEN, *The Phoenician History of Philo of Byblos: A Commentary*, p. 110-120. Interessa, aqui, apontar para a insistência com que Baumgarten relaciona

conseqüentemente assumido como hipótese de trabalho, conforme segue.

2aβ	וְחֹשֶׁךְ		עַל־פְּנֵי	תְהוֹם
2b	וְרוּחַ אֱלֹהִים	מְרַחֶפֶת	עַל־פְּנֵי	הַמָּיִם:

Não se pode negligenciar a plástica paralelística dos estíquios. Dois sujeitos semântica e fenomenologicamente passíveis de articulação sob o mesmo recorte cosmogônico, não só de Israel/Judá, mas em todo o entorno do Crescente Fértil, a sudoeste, a norte, a nordeste, a noroeste – ḥōšeḵ e rûªḥ. Duas locuções adverbiais absolutamente idênticas, que instalam os sujeitos exatamente sobre a mesma grandeza – o abismo das águas antigas – ʿal-pənê. Dois núcleos predicativos absolutamente equivalente, hipóstase mítica, ambos, da "terra" – ṯəhôm e māyim, minto, māyim não, que são hammāyim – as águas, aquelas, as antigas. Sobre elas, desaba a tempestade, dia e noite, por todos os dias e noites antigas, como sói ocorrer em alto mar, quando a escuridão completa e a ventania impetuosa levantam as ondas às alturas inimagináveis, convulsionando incontrolavelmente as águas do oceano[12]. E, contudo, Otto Eissfeldt separou tudo, trevas de vento, águas de abismo[13]. Otto Eissfeldt acabou com a tempestade. Não sobrou muita coisa para ʾĕlōhîm.

A proposta da Tese equivale, por exemplo, à tradução da *Bíblia Sagrada – Edição Pastoral*[14]: "[2a]a terra estava sem forma e vazia; [2bα]as trevas cobriam o abismo [2bβ]e um vento impetuoso soprava sobre as águas". Observe-se que os

---

as passagens cosmogônicas da *Phoenician History of Philo of Byblos* tanto com a cosmogonia de Heliópolis, quanto com Gn 1,2, pela razão de que, segundo ele, tanto lá quanto cá, "trevas" e "vento" corresponderem a "grandezas" indiferenciadas pré-cosmogônicas. De fato, a despeito da interpretação de Baungarten, e como se viu, um e outro estão "sobre" as águas. São personagens paralelas na narrativa (cf. p. 108, para "trevas", onde se acentua que, naquela tradição – e é o caso de Gn 1,2, segundo aqui se entrevê – as trevas estão relacionadas às águas, e p. 110 para "vento"). A Tese não acompanha a interpretação que Baungarten faz dessa relação por ele apontada, conquanto assume que, sim, ainda que por outra razão, "vento" e "trevas" formem "par" em Gn 1,2.

[12] Como, por exemplo, reconhece J. D. LEVENSON, *Creation and the Persistence of Evil: The Jewish Drama of Divine Omnipotence*, p. 84: "o termo [rûªḥ] poderia significar apenas 'um grande vento', e a cena, poderia representar a de um grande vórtice oceânico, ou a de uma grande tempestade no mar, que se agitava desde a eternidade até o primeiro dia da criação". A julgar pelo fato de que "vento" e "trevas" estão sobre a superfície das águas, optaria pela segunda hipótese.

[13] Na mesma esteira, cf. T. L. BRODIE, *Genesis as Dialogue: a literary, historical, & theological commentary*, p. 133.

[14] I. STORNIOLO, E. M. BALANCIN e J. L. G. DO PRADO, *Biblia Sagrada – Edição Pastoral*. 5 impressão, revista. São Paulo: Paulinas, 1992.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

tradutores não acompanham a sugestão da BHS de assinalar o disjuntivo maior entre, nos termos da tradução, "abismo" e "e um vento". Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin subentendem a disjunção maior após, nos seus termos, "e a terra estava sem forma e vazia". A disjunção maior, aí, está graficamente representada pelo uso do ponto-e-vírgula (;)[15]. Assim, resulta, de um lado, que todo o período "as trevas cobriam o abismo e um vento impetuoso soprava sobre as águas" faz-se separar, sintaticamente, de "e a terra estava sem forma e vazia", bem como em dizer que as duas orações, de um lado "as trevas cobriam o abismo" e, de outro, "e um vento impetuoso soprava sobre as águas", constituem descrições paralelas e parentéticas em relação ao estado da terra. Em termos sintáticos, é a proposta da Tese.

De modo que, tendo sob as vistas os argumentos apresentados, a Tese propõe uma divisão diferente para o texto de Gn 1,1-3:

Biblia Hebraica Stuttgartensia		**Tese**	
בְּרֵאשִׁית בָּרָא אֱלֹהִים	1a	בְּרֵאשִׁית בָּרָא אֱלֹהִים	1a
אֵת הַשָּׁמַיִם וְאֵת הָאָרֶץ׃	1b	אֵת הַשָּׁמַיִם וְאֵת הָאָרֶץ׃	1b
וְהָאָרֶץ הָיְתָה תֹהוּ וָבֹהוּ	2a*α*	וְהָאָרֶץ הָיְתָה תֹהוּ וָבֹהוּ	2a
וְחֹשֶׁךְ עַל־פְּנֵי תְהוֹם	2a*β*	וְחֹשֶׁךְ עַל־פְּנֵי תְהוֹם	2b*α*

[15] Felizmente há ponto-e-vírgula em Língua Portuguesa. Dispusesse o escritor sagrado de recurso semelhante, e a nossa situação, na condição de exegetas – arqueólogos de sentido – seria bem mais confortável. A intenção dos tradutores Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin evidencia-se ainda mais quando comparam-se a sua tradução com a da *Bíblia Vozes*: "a terra estava deserta e vazia, as trevas cobriam o Oceano e um vento impetuoso soprava sobre as águas" (Ludovico GARMUS, Gênesis, em Ludovico GARMUS, *Bíblia Vozes*, 12 ed, Petrópolis: Vozes, 1991). Embora as duas traduções sejam extremamente próximas, a tradução de Storniolo e Balancin não deixam dúvidas quanto à sua estrutura sintática: 2a de um lado, e, do outro lado, separado por um ponto-e-vírgula, 2b. O mesmo efeito sintático inequívoco que a *Pastoral* logrou, por meio do uso do ponto-e-vírgula, Theophiles J. Meek o obteve por meio de um recurso menos exegeticamnte limpo: "the earth was a desolate waste, with darkness covering the abyss and a tempestuous wind raging over the surface of the waters" (T. J. MEEK, The Book of Genesis, in: J. M. P. SMITH, T. J. MEEK, L. WATERMAN, A. R. GORDON e E. J. GOODSPEED, *The Complete Bible – an american translation*. Illinois: The University of Chicago Press, 1951). Por sua vez, o fato de os tradutores da TEB endossarem rigorosamente a proposta de marcação sintática da BHS evidencia-se também pelo uso do ponto-e-vírgula: "a terra era deserta e vazia, e havia trevas na superfície do abismo; o sopro de Deus pairava na superfície das águas" (cf. *Bíblia – Tradução Ecumênica (TEB)*. Trad. de *Traduction Oecuménique de la Bible (TOB – 3 ed)*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1995).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

וְרוּחַ אֱלֹהִים	2bα	רוּחַ אֱלֹהִים מְרַחֶפֶת עַל־פְּנֵי הַמָּיִם:	2bβ
מְרַחֶפֶת עַל־פְּנֵי הַמָּיִם:	2bβ		
וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יְהִי אוֹר	3a	וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים	3aα
		יְהִי אוֹר	3aβ
וַיְהִי־אוֹר:	3b	וַיְהִי־אוֹר:	3b

3.3
Do escopo literário assumido – Gn 1,1-3

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

O projeto da Tese, inicialmente aprovado pela banca examinadora, consistia na aplicação da abordagem histórico-social às duas narrativas hebraicas da criação e às duas narrativas hebraicas do dilúvio, tomado cada um dos dois binômios criação-dilúvio como um sistema fechado e articulado. As discussões iniciais entre o primeiro orientador, o Prof. Dr. Emanuel Bouzon (†), e o pesquisador, promoveram uma série de recortes no escopo literário original. Primeiramente, suprimindo a análise das narrativas de criação e dilúvio classicamente tratadas como "javistas", que a crise da Teoria Documental do Pentateuco deixava sem um sedimento razoavelmente firme para datação minimamente confortável. As narrativas ditas "sacerdotais", contudo, malgrado a referida crise, mantinham-se consensualmente datadas, com algumas exceções, no século VI. Lidando apenas com elas, portanto, segundo o juízo, que se acatava, do então orientador, estabeleciam-se os limites de um território mais seguro, em termos de uma defesa de doutorado.

As discussões avançaram e terminaram por corroer ainda a metade do projeto que restara. Abandonava-se a narrativa sacerdotal do dilúvio, e optava-se por enfrentar, "apenas", a perícope "sacerdotal" de Gn 1,1-2,4a[16]. Quando do falecimento do orientador, esse era o ponto em que a pesquisa se encontrava, no

[16] Para a delimitação da perícope (Gn 1,1-2,4a), cf. O. KEEL e S. SCHROER, *Schöpfung: biblische Theologien im Kontext altorientalischer Religionen*, p. 173-176.

que diz respeito ao escopo literário assumido pela Tese.

A nova orientação, sob a responsabilidade do Prof. Dr. Isidoro Mazzarolo, e já quase três quartos do período do doutorado consumidos sob a orientação do Prof. Dr. Emanuel Bouzon, impunha uma nova aproximação ao material sob investigação. A posição pessoal do Prof. Dr. Isidoro Mazzarolo já encontrava-se, então, expressa em seu livro *Gênesis 1-11: e assim tudo começou*, publicado em 2003. Sua posição então expressa era – e é – a de que a cosmogonia de Gn 1,1-2,4a responderia a uma situação já helênica de fundo: "esta foi escrita com inspiração na cosmologia helenística, e pertence ao período pós-exílico"[17].

No ponto em que a pesquisa encontrava-se, quando da substituição de orientador, a Tese podia assumir metade da afirmação – a narrativa (dita) sacerdotal da criação fora escrita no período pós-exílico. Mas não a primeira metade – que teria sofrido influência helênica, se, com isso, subentender-se-ia uma redação para além do século VI.

Essa hipótese introdutório-literária do orientador, encontrada na forma de pesquisa publicada, punha-se de encontro à hipótese de trabalho da Tese, e os desdobramentos que ela provocava, especialmente aqueles relativos à conseqüente interpretação de Gn 1,1-2,4a, impunham novas dificuldades para o bom termo da pesquisa, já àquela altura muito avançada – mas sem, contudo, lograrem o efeito de a reformular. A "solução" negociada foi reduzir-se, mais uma vez, o escopo literário. Em lugar de se investigar a função histórico-social da cosmogonia "sacerdotal" de Gn 1,1-2,4a, analisando-se, então obrigatoriamente, a narrativa como um todo, manter-se-ia a questão básica de fundo – a pergunta pela funcionalidade instrumental pragmático-situada de Gn 1,1-2,4a –, mas operando-a através da análise histórico-crítica, histórico-social e fenomenológico-religiosa apenas do prólogo da cosmogonia – para esse fim, Gn 1,1-3[18].

---

[17] MAZZAROLLO, *Gênesis 1-11*, p. 62-63.

[18] Delimitação do escopo literário, nesse caso, à semelhança do muito recente artigo de M. F. J. BAASTEN, First Things First: The Syntax of Gn 1:1-3 Revisited, in: M. F. J. BAASTEN e R. MUNK (ed), *Studies in Hebrew Language and Jewish Culture*, 2007, p. 169-188, tanto quanto de um outro, agora, bastante antigo: J. M. P. SMITH, *The Syntax and Meaning of Genesis 1:1-3*, 1928, p. 108-115. Além desses, cf. M. GILBERT, La relecture de Gn 1-3 dans le livre de la Sagesse, in: F. BLANQUART, P. BEAUCHAMP e L. DEROUSSEAUX (org), *La création dans l'Orient ancien: congrès de Association catholique française pour l'étude de la Bible. Congrès, Lille, 1985*, 1987; M. F. ROOKER, Gn 1,1-3: Creation or Re-creation?, in: R. B. ZUCK, *Vital Old Testament Issues: Examining Textual and Topical Questions*, 1996; H. M. ORLINSKY, *Enigmatic Bible Passages: The Plain Meaning of Genesis 1:1-3*, p. 207-209; B. K. WALTKE, *The Creation Account in Genesis 1,1-3. Part I: Introduction to Biblical Cosmogony*, p. 25-36, *Part II: The*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

A redução justificava-se pelo fato de concentrarem-se em torno do prólogo uma série de discussões críticas da pesquisa – a rigor, sozinhos, o v. 1 e o v. 2 (eventualmente, já seus próprios estíquios separadamente) constituiriam Teses de Doutorado! Questões de ordem sintática, semântica, e, conseqüentemente, teológica, são decididas aí, e, desde aí, por conseqüência, desdobradas sobre o restante da perícope. Não é o que se decide em Gn 1,4-2,4a que se desdobra sobre Gn 1,1-3 – é o inverso: aquilo que se decide quanto a Gn 1,1-3 que se desdobra, sobredeterminantemente, sobre o restante da perícope. Além disso, a existência de inúmeros relatórios de pesquisa especificamente dirigidos a questões próprias de Gn 1,1-3 corroboram a procedência da negociação, e prestam legitimação ao escopo literário reduzido com que a Tese assume lidar[19].

Deve-se, entretanto, esclarecer um ponto relevante. *Se* – e não é a opção da presente Tese – se toma o v. 1 como oração independente, e lê-se conforme a tradição ("No princípio criou Deus os céus e a terra"), *justifica-se*, então, que se argumente a favor da separação entre Gn 1,1-2, de um lado, e Gn 1,3-5, de outro. Por força da opção do leitor, a "criação" estaria mencionada explicitamente, então, em ambas seções. No entanto, uma vez que a Tese considera que o v. 1 *depende* sintaticamente do v. 2, resulta não-explicitada a "criação" senão apenas no v. 3. Os v. 1-2, nesse caso, não descreveriam, ainda, a "criação", mas tão-somente situariam, em termos de "tempo" ("quando"), o que se vai descrever, então, na seqüência necessária – o v. 3.

A rigor, então, o v. 3 pertence à seção 3-5. Contudo, nos v. 4-5, nada há de absolutamente relevante para a discussão do "tema" da presente Tese – a "função" instrumental e histórico-social de Gn 1,1-3, logo, Gn 1,1-2,4a. Para a compreensão detalhada de toda a "cosmogonia" de Gn 1,1-2,4a, sim. Todavia, em decorrência do que se vem imediatamente de expor, não se trata, mais, de lidar

---

Restitution Theory, p. 136-144*, Part III: The Initial Chaos Theory and the Precreation Chaos Theory*, p. 216-228, *Parte IV: The Theology of Gn 1*, p. 327-342 e *Parte V: The Theology of Gn 1 – continued*, p. 28-41.

[19] Cf. nota anterior. Não é, contudo, inquestionável, a decisão. Por exemplo, o próprio Prof. Dr. Isidoro Mazzarolo trata Gn 1,1-2 separadamente de Gn 1,3-5 (cf. I. MAZZAROLO, *Gênesis 1-11*, p. 65-70 *versus* p. 70-74), e Walter Brueggemann considera os v. 3-25 uma longa seção, introduzida pelos v. 1-2, seguida, primeiro, pelos v. 26-31, e, finalmente, por 2,1-4a (cf. W. BRUEGGEMANN, *Genesis*, p. 30-31). Seja como for, depois de concluída a Tese, ficariam por ser desdobradas sobre o restante da narrativa cosmogônica – Gn 1,4-2,4a – as conclusões pertinentes à análise do prólogo. Deve-se, contudo, ressaltar, que em absolutamente nada perde a Tese, uma vez que a hipótese de trabalho pode ser perfeitamente demonstrada com base em Gn 1,1-3.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

com a cosmogonia inteira, mas, apenas, seu "prólogo". Ora, se em Gn 1,1-2 não se dá, ainda, a criação, mas, apenas no v. 3, e se, por outro lado, os v. 4-5, a que estaria ligado o v. 3, são metodologicamente dispensáveis, resulta "natura" e justificado o acordo entre orientando e orientador quanto ao escopo literário – Gn 1,1-3, porque, assim, estabelece-se a introdução suficientemente necessária para a cosmogonia (a referência à criação, de fato, no v. 3), bem como situa tal referência, por meio dos v. 1-2, no seu respectivo e pertinente contexto sintático e, em termos fenomenológico-religiosos, próximo-oriental[20].

Nesse sentido, o recurso ao artigo de Alviero Niccacci fornece justificativa indireta para o "acordo". O § 18 de seu *Sintaxis del Hebreo Bíblico* trata, justamente, de Gn 1,1-3. Por um lado, afirma que, em termos sintático-estruturais, "os v. 1-2 são o antecendente e o v. 3 é o começo da narrativa propriamente dita"[21], por outro lado, como se vem de argumentar, Niccacci atualiza os v. 1-2 como subordinado o primeiro em relação ao segundo:

a (1) Cuando Dios comenzó a crear el cielo y la tierra,
b (2) la tierra estaba yerma y desierta,
c había tiniebla sobre el abismo
d y el espíritu de Dios aleteaba sobre las aguas.
(3) Entonces Dios dijo…[22]

Observe-se que, em razão de Niccacci, a exemplo da presente Tese, considerar a condição subordinada do v. 1 em relação ao v. 2, resulta transferida apenas para o v. 3. Nos v. 1-2, o que se tem em mira é dar a condição de "la tierra" no momento do início da criação, ou seja, "cuando Dios comenzó a crear". Assim, a criação, de fato, é apenas explicitamente referida como "em processo" apenas no v. 3. Ora, uma vez que se pretende tratar do "significado" funcional/instrumental, conseqüêntemente, do *Sitz im Leben*, justamente da "criação", deve-se, *necessariamente*, tomar o v. 3 para o fazer. No entanto, uma vez que "essa" criação é descrita, processualmente, numa seqüência de "dias", resulta óbvio que a "criação" não se dá, toda e de vez, no v. 3, mas desenrola-se, como enredo, pelo restante da narrativa – que, para os fins colimados, dispensa-se, mas, não, o v. 3, pelo fato de ser, aí que, pela primeira vez, na narrativa, fala-se da

[20] Com o que se reporta o leitor à nota 292.
[21] NICCACCI, *Sintaxis Del Hebreo Bíblico*, p. 41.
[22] *Idem*, p. 42 – mantida a língua original da obra.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

"criação".

3.4
Análise léxico-morfológica dos termos hebraicos de Gn 1,1-3

1a בְּרֵאשִׁית בָּרָא אֱלֹהִים
1b אֵת הַשָּׁמַיִם וְאֵת הָאָרֶץ׃
2a וְהָאָרֶץ הָיְתָה תֹהוּ וָבֹהוּ
2bα וְחֹשֶׁךְ עַל־פְּנֵי תְהוֹם
2bβ וְרוּחַ אֱלֹהִים מְרַחֶפֶת עַל־פְּנֵי הַמָּיִם׃
3aα וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים
3aβ יְהִי אוֹר
3b וַיְהִי־אוֹר׃

Do ponto de vista léxico-morfológico, apenas uma observação crítica deve ser apresentada. Trata-se do fato de que a expressão ṯōhû wāḇōhû seja constituída por dois substantivos[23] e, não, como à luz das versões se deixa transparecer, por dois adjetivos. A tradução mais comum – "sem forma e vazia" – não resulta procedente. Com David Tsumura, a Tese assume o sentido dos dois termos a partir da análise semântico-fenomenológica aplicada a eles, em suas ocorrências na Bíblia Hebraica, resultando, para o v. 2a, a tradução "e a terra estava uma desolação e um deserto"[24].

[23] "בהו – emptiness, wasteness" e "תֹהוּ וָבֹהוּ – Gn 1,2: um exemplo de hendíade (…) significa a imensidão terrível, assutadora, deserta" (HALOT). Cf. V. P. Hamilton, *The Book of Genesis: Chapters 1-17*, p. 108.

[24] Cf. as seguintes traduções: "a terra era desordem e deserto" (A. CHOURAQUI, *A Bíblia. No Princípio [Gênesis]*, p. 36); "and the earth was a desolate waste", onde, "waste" é usado na forma de substantivo (T. J. MEEK, The Book of Genesis, in:, J. M. P. SMITH, T. J. MEEK, L. WATERMAN, A. R. GORDON e E. J. GOODSPEED, *The Complete Bible – an american translation*, 1951); "a desolation and a waste" (D. L. COOPER, *The Eternal God Revealing Himself to Suffering Israel and to Lost Humanity*, p. 238, que o justifica por meio de Is 45,18 ["not a waste"]); "and-the-earth was (a) desolation and-(a)-waste" (W. R. HARPER, *Introductory Hebrew Method and Manual*, p. 18); "and the earth was a waste and an empty chaos" (E.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

Já em 1927 se dispunha da constatação de que a fórmula ṯōhû wāḇōhû não é constituída de adjetivos, mas de substantivos. Theophile J. Meek reconhecera a função morfológica substantiva dos termos em Gn 1,2, conforme se depreende de sua tradução de *Gênesis*: "the earth was a desolate waste"[25]. A rigor, Meek trata a fórmula como hendíade, e interpreta o conjunto – uma desolação e um deserto – como "a desolate waste" ("um ermo desolado"). "E a terra era um ermo desolado" corresponde corretamente à morfologia de ṯōhû wāḇōhû. A Tese apenas prefere manter a literalidade da fórmula hebraica, e traduzir – "e a terra era uma desolação e um deserto".

Mais recentemente, David Tsumura seguiu a mesma orientação. Reservando um capítulo inteiro de *Creation and Destruction* para discutir ṯōhû wāḇōhû[26], nega a hipótese de que a fórmula referir-se-ia ao "caos" ontológico-pré-cosmogônico, interpretando-a como a expressão da condição de desabitação e de improdutividade agrícola da "terra original": "seria muito razoável compreender a frase ṯōhû wāḇōhû em Gn 1,2 como descrevendo um estado de 'desolação e vazio'"[27], opinião com a qual concordaria N. H. Tur-Sinai: "em Gn 1,2 ... [ṯōhû] descreve a aridez da terra antes que qualquer coisa crescesse nela"[28]. A Tese não acompanha, contudo, a interpretação que aí se faz da condição substantiva da fórmula. Reconhece, contudo, que ṯōhû wāḇōhû deve-se, aí, traduzir como "uma desolação e um deserto". Porque são substantivos, não adjetivos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

WORCESTER, *The Book of Genesis in the Light of Modern Knowledge*, p. 89); "and the earth was a desert and an empty chaos" (F. LENORMANT, *Beginnings of History*, p. 1); "and the earth was a desert and emptiness" (W. AYERST, *The Jews of the Nineteenth Century*, p. 7, dada a tradução como de S. Herxheimer, rabbi em Anhalt Bernburg, p. 5); "and the earth was a void and emptiness" (E. SWEDENBORG, *Theological Works*, p. 5). Na tradução "uma desolação e um deserto" procura-se, inclusive, atender à forma paranomásica da expressão ṯōhû wāḇōhû – *des*olação e *des*erto, cf. A. DE VRIES e A. J. C. VERHEIJ, A Portion of Slippery Stones Wordplay in Four Twentieth-Century Translations of the Hebrew Bible, in: D. DELABASTITA (org), *Traductio: Essays on Punning and Translation*, p. 76-77 e C. KELLER, *The Face of the Deep: A Theology of Becoming*, p. 183.

[25] Cf. T. J. MEEK, Genesis, in: J. M. P. SMITH, T. J. MEEK, L. WATERMAN, A. R. GORDON e E. J. GOODSPEED, *The Complete Bible – an american translation*. Illinois: The University of Chicago Press, 1951^2 (1927^1).

[26] Cf. o capítulo The Earth in Genesis 1, em D. TSUMURA, *Destruction and Construction – a reappraisal of the Chaoskampf Theory in the Old Testament*, p. 9-35.

[27] Idem, p. 33.

[28] Cf. N. H. TUR-SINAI, *The Book of Job: A New Commentary*, p. 381.

3.5
Análise sintática de Gn 1,1-3

3.5.1
Análise sintática da estrutura de Gn 1,1-3

Quatro têm sido as formas com que a pesquisa de Gn 1,1-2,4a tem-se aproximado da estrutura sintática de Gn 1,1-3[29].

a) tem-se tratado cada um dos três versos como cláusulas absolutas independentes, considerando-se, para tanto, que, no v. 1, o substantivo רֵאשִׁית da expressão בְּרֵאשִׁית encontra-se necessariamente em estado absoluto[30]. Dessa opção sintática resulta a maior parte das leituras tradicionais.

b) *se* o substantivo רֵאשִׁית da expressão בְּרֵאשִׁית é tomado como construto[31], resulta uma configuração sintática diferente, segundo a qual os v. 1 e 2 constroem entre si uma relação de subordinação. Diz-se que, nesse caso, o *waw* que abre o v. 2 deveria ser tomado como um *waw apodosis*[32]. Resulta dessa posição, por exemplo, a tradução da TEB: "Quando Deus iniciou a criação do céu e da terra, a terra era deserta e vazia (...), e Deus disse: 'Que a luz seja!' E a luz veio a ser"[33].

c) apresenta-se, ainda, uma proposta, segundo a qual o v. 2 constituiria uma cláusula parentética, construída sob a alegação da condição subordinativa

---

[29] Cf. M. F. J. BAASTEN, First Things First: The Syntax of Gn 1:1-3 Revisited, in: M. F. J. BAASTEN e R. MUNK (ed), *Studies in Hebrew Language and Jewish Culture*, p. 169-188; R. DAVIDSON, *Genesis 1-11*, p. 12-13; N. C. HABEL, Geophany: the Earth Story in Genesis 1, in: N. C. HABEL e S. WÜRST (ed), *The Earth Story in Genesis*, p. 35-36.

[30] Essa é a posição, também, de C. WESTERMANN, *Genesis 1-11*, p. 97: "the first verse then is to be understood as a principal sentence". Além de Westermann, também: I. MAZZAROLO, *Gênesis 1-11*, p. 65-73; V. P. Hamilton, *The Book of Genesis: Chapters 1-17*, p. 103-107 (após longa discussão); W. BRUEGGEMANN, *Genesis*, p. 29; H. GUNKEL, *Genesis*, p. 103: "'in the beginning God created heaven and earth' – a powerful statement! Simply and powerfully, the author first establishes the doctrine that God created the World".

[31] Para uma discussão do estado construto de רֵאשִׁית em Gn 1,1, cf. M. F. J. BAASTEN, First Things First: The Syntax of Gn 1:1-3 Revisited, in: M. F. J. BAASTEN e R. MUNK (ed), *Studies in Hebrew Language and Jewish Culture*, p. 169-188.

[32] Cf. C. WESTERMANN, *Genesis 1-11*, p. 78. Para o *waw apodisis*, cf. GESENIUS, *Hebrew Grammar,* § 143d.

[33] Cf. W. P. BROWN, *Structure, Role, and Ideology in the Hebrew and Greek Textes of Genesis 1,1-2,3*, p. 83.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

temporal do v. 1, sem que, contudo, bərēʾšîṯ seja tratado como construto. Assim, resultaria a seguinte leitura: "No princípio, quando Deus criou os céus e a terra – agora a terra era sem forma e vazia (...) – então Deus disse: 'Haja luz'. E houve luz". Hermann Gunkel já a reconhecia, embora considerasse a possibilidade apresentada na alínea b acima mais simples[34].

d) finalmente[35], N. H. Ridderbos[36] e P. Humbert[37] teriam defendido a proposta de considerar-se o início do ato de criação na terceira sentença do v. 2: wərûªḥ ʾĕlōhîm məraḥep̄eṯ ʿal-pənê hammāyim[38].

As posições podem ser consideradas segundo o critério crítico de se considerar o v. 1 como uma oração subordinada ou uma oração independente. Recorrendo-se, conjuntamente, a Claus Westermann[39] e Umberto Cassuto[40], pode-se resumir o quadro geral da pesquisa. A defesa de Gn 1,1 como cláusula subordinada remontaria, pelo menos, a Rashi e a Abraham ibn Ezra. Rashi teria sugerido uma leitura segundo a qual, o v. 1 constituiria *protasis*, o v. 2, *parenthesis*, e o v. 3*, apodosis*. Assim, ler-se-ia: "no começo da criação dos céus e da terra, quando a terra era sem forma e vazia ... Deus disse: 'Que haja luz'"[41]. Ibn Ezra, por sua vez, teria sugerido uma fórmula mais simples, segundo a qual ler-se-ia: "no começo da criação dos céus e da terra, a terra era sem forma e vazia"[42].

Para lograr-se a subordinação do v. 1 ao v. 2, supõe-se necessária a mudança de vocalização, proposta por Rashi, do completo – bārāʾ – para o infinitivo –

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

---

[34] Cf. H. GUNKEL, *Genesis*, p. 103. É a tradução, por exemplo, de W. BRUEGGEMANN, *An Introduction to the Old Testament: The Canon and Christian Imagination*, p. 34, e de R. DAVIDSON, *Genesis 1-11*, p. 12. Para uma refutação da procedência exegética da proposta, cf. M. F. J. BAASTEN, First Things First: The Syntax of Gn 1:1-3 Revisited, in: M. F. J. BAASTEN e R. MUNK (ed), *Studies in Hebrew Language and Jewish Culture*, p. 184-185.
[35] Cf. C. WESTERMANN, *Genesis 1-11*, p. 78.
[36] N. H. RIDDERBOS, Genesis I 1 e 2, *Old Testament Studies*, n. 12, 1958, p. 214-260.
[37] P. HUMBERT, Emploi et portée du verbe bârâ (créer) dans l'Ancien Testament, *Theologische Zeitschrift*, n. 3, 1947, p. 401-422.
[38] Refletindo, conseqüentemente, a divisão sintática proposta pelo aparatro crítico da BHS. C. Westermann recusa a proposta, afirmando que as três sentenças do v. 2 são descritivas (cf. C. WESTERMANN, *Genesis 1-11*, p. 78).
[39] Idem, p. 95.
[40] Cf. U. CASSUTO, *From Adam to Noah*, p. 19-20.
[41] Seguindo U. CASSUTO, *From Adam to Noah*, p. 19. Cf. C. WESTERMANN, *Genesis 1-11*, p. 94-95 e K. ARMSTRONG, *The Bible: A Biography*, p. 133.
[42] Ainda seguindo U. CASSUTO, *From Adam to Noah*, p. 19. Cf. C. WESTERMANN, *Genesis 1-11*, p. 94-95; M. Z. BRETTLER, *How to Read the Bible*, p. 41-42; e D. PRESUTTA, *The Biblical Cosmos Versus Modern Cosmology: Why the Bible Is Not the Word of God*, p. 66.

bərōʾ[43], o que, a rigor, não constitui uma operação de crítica textual propriamente dita, uma vez que as vogais não fazem parte do texto hebraico original, conquanto a sua correta pronúncia estivesse, desde sempre, pressuposta. A vocalização do texto hebraico da BHS, contudo, como se sabe, corresponde à vocalização massorética, e, eventualmente, está sujeita a equívocos naturalmente compreensíveis. Rashi, portanto, apenas eventualmente proporia uma correção ao sistema massorético, e, não, a rigor, uma operação de crítica textual. Umberto Cassuto é muito genérico ao afirmar que "modernos comentaristas recomendam" a vocalização proposta por Rashi[44], mas a subordinação do v. 1 por ela pressuposta, segundo Claus Westermann, foi apoiada e seguida por H. Ewald, E. Schrader, K. Budde, P. Smith, W. F. Albright, O. Eissfeldt, R. Dussaud, S. Hermann, H. M. Orlinsk, C. A. Simpson e E. A. Speiser[45].

Por sua vez, a posição favorável à consideração do v. 1 como cláusula independente seria constituída, de um lado[46], por N. H. Ridderbos, J. Calvin, J. Wellhausen, E. König, G. Aalders, A. Heidel, J. Skinner, e, de outro[47], H. Strack, H. Gunkel, O. Procksch, W. Zimmerli, G. von Rad, W. Eichrodt, W. H. Schmidt, H. A. Brongers, U. Cassuto[48] e André Chouraqui[49].

O primeiro grupo citado consideraria uma relativa independência do v. 1, que descreveria a criação da matéria-prima, a partir da qual a criação da terra, no v. 2, suceder-se-ia. Percebe-se que a questão é tratada a partir do conceito de cosmogonia "cósmica", e é também a partir desse conceito que Westermann argumenta contra a posição, afirmando que a expressão "os céus e a terra" indicariam para uma grandeza já estruturada, e não um tipo qualquer de matéria-prima, além do que, acrescenta, "a criação de caos é uma contradição em

---

[43] Cf. U. CASSUTO, *From Adam to Noah*, p. 19; A. CHOURAQUI, *A Bíblia. No Princípio (Gênesis)*, p. 29; M. F. J. BAASTEN nega que Rashi tivesse proposto a mudança de vocalização de bārāʾ para bərōʾ (mas, cf. nota 326), mas, dado que trata bərēʾšîṯ como construto, o efeito é o mesmo, uma vez que sua tradução resulta: "when God began to create the heavens and the earth" (cf. M. F. J. BAASTEN, First Things First: The Syntax of Gn 1:1-3 Revisited, in: M. F. J. BAASTEN e R. MUNK (ed), *Studies in Hebrew Language and Jewish Culture*, p. 177-178).
[44] Cf. U. CASSUTO, *From Adam to Noah*, p. 19.
[45] Cf. C. WESTERMANN, *Genesis 1-11*, p. 95. Cf. I. KNOHL, *The Divine Symphony: The Bible's Many Voices*, p. 164, nota 12.
[46] Cf. C. WESTERMANN, *Genesis 1-11*, p. 95. Westermann cita Skinner e Ridderbos, e informa-se dos demais componentes através da lista apresentada pelo próprio Ridderbos.
[47] Cf. C. WESTERMANN, *Genesis 1-11*, p. 95.
[48] Para a posição de Cassuto, cf. U. CASSUTO, *From Adam to Noah*, p. 19-20.
[49] Cf. A. CHOURAQUI, *No Princípio*, p. 29-35.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

termos”[50]. Por sua vez, o segundo grupo de comentaristas seria partidário da opinião de que o v. 1 constitui uma cláusula absolutamente independente do v. 2. Westermann informa, como de fato é verdade, que Gunkel reconhecia a independência do v. 1, e, diante da objeção de que uma tal posição impunha uma contradição interna entre os v. 1 e 2, explicava o paradoxo em termos históricos, considerando que o v. 1 constituiria um desenvolvimento recente do judaísmo, em face do conteúdo mais traditivo, próprio do v. 2. Segundo Westermann, então, “este argumento tem sido aceito por muitos *scholars* desde Gunkel”[51].

Em face da questão sintática discutida, a presente Tese encontra em Gn 1,1-3 a seguinte estrutura[52]:

a) bərēʾšîṯ bərōʾ ʾĕlōhîm ʾēṯ haššāmayim wəʾēṯ hāʾāreṣ:
oração subordinada adverbial temporal reduzida de infinitivo;
b) wəhāʾāreṣ hāyṯāʰ ṯōhû wāḇōhû:
oração principal em relação à oração anterior (a) e oração coordenada assindética em relação à seguinte (c);
c) wəḥōšeḵ ʿal-pənê ṯəhôm:
oração coordenada sindética explicativa;
d) wərûªḥ ʾĕlōhîm məraḥep̄eṯ ʿal-pənê hammāyim:
oração coordenada sindética aditiva;
e) wayyōʾmer ʾĕlōhîm:
oração principal em relação à oração seguinte (f) e *oração coordenada assindética* em relação à anterior (d);
f) yəhî ʾôr:
oração subordinada substantiva objetiva direta;
g) wayəhî-ʾôr:
oração coordenada sindética aditiva.

Assume-se, portanto, a dependência sintática de Gn 1,1 em relação ao v. 2 – essa, sim, a oração principal. Por conseguinte, a “criação”, de fato, começa apenas no v. 3, levando-se principalmente em conta o fato de que a Tese considera que as orações coordenadas do v. 2b constituam, entre si, paralelismo sintático-sinonímico. Por conseguinte, resulta de Gn 1,1-3 a seguinte lição. Quando ʾĕlōhîm vai começar a criar “os céus e a terra”, nesse momento “a terra” está “uma desolação e um deserto”. Significa dizer que “a terra estava uma desolação e

[50] Cf. C. WESTERMANN, *Genesis 1-11*, p. 95.
[51] Cf. C. WESTERMANN, *Genesis 1-11*, p. 95. Para a posição de Gunkel, cf. H. GUNBKEL, *Genesis*, p. 104.
[52] Registre-se o agradecimento a Maria Celeste de Castro Machado, mestra e doutoranda em Língua Portuguesa pela UERJ, e professora de Língua Portuguesa da Faculdade Batista do Rio de Janeiro, pela crítica à presente análise sintática de Gn 1,1-3, levada a termo por meio de comunicação eletrônica datada de 01/12/2006, e constante do arquivo pessoal do pesquisador.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

um deserto, quando ʾĕlōhîm vai começar a criar os céus e a terra". Aí está a instalação circunstancial da cosmogonia de Gn 1,1-2,4a. Mas "a terra" está assim por quê? Porque as trevas e um vento tempestuoso a convulsionam e a convulsionam, ainda. "A terra" está destruída, devastada, deserta. E o que ʾĕlōhîm faz? Ele diz: "seja a luz", e "a luz" é. Dizendo-o de modo mais discursivo: "quando ʾĕlōhîm vai começar a criar os céus e a terra, então a terra estava uma desolação e um deserto, porque havia trevas sobre a face do abismo e soprava um vento tempestuoso sobre a faces das águas. Então ʾĕlōhîm disse: "seja a luz", e a luz foi".

3.5.2
Análise sintática dos termos de Gn 1,1-3

A análise da estrutura sintática de Gn 1,1-3 é tributária da análise sintática dos respectivos termos que a constituem. Passa-se, agora, à análise dos termos constituintes de cada oração.

a) Oração subordinada adverbial temporal reduzida de infinitivo, v. 1 – bərēʾšîṯ bərōʾ ʾĕlōhîm ʾēṯ haššāmayim wəʾēṯ hāʾāreṣ:

— bərēʾšîṯ – "em (um) princípio [de]": associando-se ao infinitivo do verbo "criar", bərōʾ[53], que lhe segue, constituindo, assim, a fórmula temporal "no princípio do criar de (ʾĕlōhîm)", bərēʾšîṯ consiste, a rigor, em adjunto adverbial de tempo: "no princípio do criar de" = "no princípio da criação de". É importante, contudo, ressalvar que, na fórmula bərēʾšîṯ bərōʾ, bərēʾšîṯ funciona, morfológica e sintaticamente, como a conjunção subordinada adverbial temporal *quando*: "no princípio do criar de ʾĕlōhîm" =

[53] A rigor, poder-se-ia dispensar a mudança de vocalização de bārāʾ para bərōʾ, ou seja, da forma verbal completo para o infinitivo, para, assim, adequar o verbo brʾ ao construto bərēʾšîṯ. Os 1,2 testemunha um caso sintático em tese semelhante ao de Gn 1,1: təḥillaṯ dibber-yhwh bəhôšēaʿ wayyōʾmer yhwh ʾel-hôšēaʿ – "começo do *falou* Yahweh com Oséias. Então disse Yahweh a Oséias" (V. P. HAMILTON, *The Book of Genesis: Chapters 1-17*, p. 106, *nota* 9). Baseado nesse paralelo sintático-morfológico, Gn 1,1a poderia ser traduzido: "no princípio do *criou* ʾĕlōhîm", e, conseqüentemente, mantida a sua condição de oração subordinada adverbial temporal em relação ao v. 2 (= "quando começou ʾĕlōhîm a criar os céus e a terra, então a terra estava uma desolação e um deserto").

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

"quando ᾽ĕlōhîm começou a criar". Desse modo, o v. 1 consiste numa oração subordinada adverbial temporal reduzida de infinitivo: "no princípio do criar de ᾽ĕlōhîm os céus e a terra" = "quando ᾽ĕlōhîm começou a criar os céus e a terra";

— bərō᾽ – de um lado, vocalizado como infinitivo[54], e, de outro, constituindo o segundo termo da série em construto, "no princípio do criar de ᾽ĕlōhîm", logo, substantivado e definido, bərō᾽ funciona, sintaticamente, como adjunto adnominal do sujeito ᾽ĕlōhîm: "criar de ᾽ĕlōhîm" = "criação de ᾽ĕlōhîm";

— ᾽ĕlōhîm – sujeito da oração subordinada adverbial temporal reduzida de infinitivo;

— ᾽ēṯ haššāmayim wə᾽ēṯ hā᾽āreṣ – objeto direto, constituindo o resultado do ato de criação de ᾽ĕlōhîm.

○ "No princípio do criar de ᾽ĕlōhîm os céus e a terra" (v. 1).

b) Oração principal, v. 2a – wəhā᾽āreṣ hāyṯāʰ ṯōhû wāḇōhû:

— wəhā᾽āreṣ – sintaticamente, o *waw* da expressão wəhā᾽āreṣ constitui um adjunto adverbial de tempo, ligando-se, então, ao sujeito determinado ᾽ereṣ. A função desse adjunto adverbial é insistir na temporalidade e concomitância das declarações registradas nos v. 1 e 2. Daí, resulta a leitura: "no princípio do criar de ᾽ĕlōhîm os céus e a terra, *então* a terra estava uma desolação e um deserto". "A terra", então, constitui sujeito da oração principal;

— ḥāyṯāʰ – verbo de ligação, introduzindo o predicativo do sujeito, que lhe segue;

— ṯōhû wāḇōhû – tanto ṯōhû quanto ḇōhû constituem substantivos, e não adjetivos. Designam, assim, não *qualificativos* do sujeito, mas prestam-se à sua descrição *plástica* circunstancial: "então a terra estava *uma desolação e um deserto*". Aí, "uma desolação e um deserto" funciona como predicativo do sujeito "a terra".

○ "então a terra estava uma desolação e um deserto" (v. 2a).

c) Oração coordenada sindética explicativa (v. 2b*α*) – wəḥōšeḵ ᶜal-pənê ṯəhôm:

— wəḥōšeḵ – sintaticamente, o *waw* da expressão wəḥōšeḵ funciona como uma conjunção coordenada explicativa. A oração, assim, dá a saber a razão pela qual, quando ᾽ĕlōhîm começa a criar "os céus e a terra", aí, então, a terra está uma desolação e um deserto. A rigor, são duas as explicações – "treva" e "vento". A "treva" – ḥōšeḵ – é a primeira causa, e funciona, sintaticamente, como sujeito da oração.

— ᶜal-pənê – a expressão constitui um idiomatismo hebraico, "sobre as faces de". "Sobre", ᶜal, constitui adjunto adverbial de lugar, e "as faces de", adjunto adnominal de ṯəhôm. A função da fórmula é situar a posição da "treva" em relação ao "abismo".

[54] Cf. nota anterior.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

— təhôm – funciona como adjunto adverbial de lugar: é *aí*, sobre as suas faces, que há "treva", e é, porque há trevas aí, que a terra está uma desolação e um deserto, agora, quando ʾĕlōhîm começa a criar "os céus e a terra".

○ "pois treva (havia) sobre as faces do abismo" (v. 2b*α*).

d) Oração coordenada sindética aditiva (v. 2b*β*) – wərûªḥ ʾĕlōhîm məraḥep̄eṯ ʿal-pənê hammāyim:

— wərûªḥ – sintaticamente, o *waw* da expressão wərûªḥ constitui uma conjunção aditiva, ao passo que o substantivo rûªḥ constitui o sujeito da oração;

— ʾĕlōhîm – funciona como adjunto adnominal de rûªḥ. Pode-se pressupor uma função sintática de superlativo[55], própria do hebraico. Daí a leitura "e um vento impetuoso soprava sobre as águas", da *Bíblia Vozes* e da *Pastoral*[56];

— məraḥep̄eṯ – núcleo do predicado verbal;

— ʿal-pənê – junto com hammāyim, constitui adjunto adverbial de lugar: "sobre as faces das águas";

— ḥammāyim – núcleo do adjunto adverbial de lugar: é sobre as águas que sopra o vento tempestuoso.

e) Orações do v. 3 – wayyōʾmer ʾĕlōhîm yəhî ʾôr wayəhî-ʾôr

— wayyōʾmer ʾĕlōhîm – sintaticamente, o *waw* inicial da oração funciona como adjunto adverbial de tempo. A oração, portanto, instala a declaração de ʾĕlōhîm – a "ordem criadora" – no tempo concomitante ao referido nos v. 1 (oração subordinada) e 2a (oração principal). O efeito sintático resultante da série de adjuntos adverbiais, os quais introduzem os v. 2a e 3, é situar de forma cronologicamente concomitante as circunstâncias, vindas de ser descritas, da "criação".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

3.5.3

Análise sintática de bərēʾšîṯ na Bíblia Hebraica

bərēʾšîṯ constitui uma locução adverbial (temporal), construída pela

---

[55] Cf. 508 אֱלֹהִים 509 אֱלֹהִים/אֱלוֹהַּ, em HALOT, B.3.e.: "e) אֱלֹהִים superlative ? רוּחַ אֱ֫לֹהִים a mighty wind Gn 1_2". Cf. Ez 28,13, bəʿēḏen gan-ʾĕlōhîm hāyîṯā – "em um jardim, em um jardim fabuloso estavas". O uso superlativo de ʾĕlōhîm já era considerado no século XIX – e para Gn 1,2: "assim, vento de Deus não quer dizer outra coisa que um grande vento ou um vento impetuoso" (cf. M. DE SERRES, *De la cosmogonie de Moïse comparée aux faits géologiques*, p. 44-45).

[56] Cf. L. GARMUS, Gênesis, in: L. GARMUS, *Bíblia Sagrada*. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 1991, e I. STORNIOLO e E. M. BALANCIN, Gênesis, in: I. STORNIOLO e E. M. BALANCIN, *Bíblia Sagrada – Edição Pastoral*. 5 impressão revista. São Paulo: Paulinas, 1992.

conjugação da preposição בְּ (bə) com o substantivo רֵאשִׁית (rēʾšîṯ)[57]. Além de Gn 1,1, essa mesma conjugação pode ser testemunhada, ainda, na Bíblia Hebraica, em quatro passagens (apenas![58]) de *Jeremias*: Jr 26,1; 27,1; 28,1 e 49,34[59].

3.5.3.1

bərēʾšîṯ em *Jeremias*: construto e cláusula temporal

Nas quatro ocorrências de *Jeremias* (Jr 26,1; 27,1; 28,1 e 49,34), bərēʾšîṯ cumpre o papel de *nomen regens*, conjugando-se com um respectivo *nomem rectum*, e perfazendo, assim, uma fórmula sintática: a relação de construto[60]. Fica gramaticalmente justificada a ausência do artigo, porque este deverá constar somente do último termo da série em construto, salvo tratar-se de nome próprio[61].

Tome-se Jr 26,1 como modelo de análise, de resto representativa para Jr 27,1; 28,1 e 49,34:

bərēʾšîṯ mamləḵûṯ yəhôyāqîm ben-yōʾšiyyāhû meleḵ yəhûḏāʰ
No princípio do reinado de yəhôyāqîm ben-yōʾšiyyāhû, rei de Judá,
hāyāʰ haddāḇār hazzeʰ mēʾēṯ yhwh
veio esta palavra de junto de Yahweh

Em Jr 26,1, bərēʾšîṯ faz parte de uma fórmula em construto de três membros: "no princípio do reinado de yəhôyāqîm ben-yōʾšiyyāhû". O terceiro termo é um nome próprio, que determina toda a série. Daí que um gramaticalmente literal bərēʾšîṯ, que a rigor não tem artigo, e, isoladamente, deveria ser traduzido "em um princípio de", deve, agora, ser obrigatoriamente traduzido como "no princípio do". O mesmo ocorre com מַמְלְכוּת (mamləḵûṯ). Literalmente, trata-se de "um reinado de", posto que também é construto. Mas a

[57] Cf. GESENIUS, *Hebrew Grammar*, § 164, g, 3, e A. CHOURAQUI, *A Bíblia. No Princípio (Gênesis)*, p, 29.
[58] Cf. W. WIFALL, *God's Accession Year According to P*, p. 527-534. Não se trataria de coincidência. "P" teria se servido do "modelo" dos anais deuteronomistas dos reis de Judá e Israel para elaborar a fórmula de abertura de Gn 1,1-2,4a, bem como descrever a semana criativa de Deus nos termos dos anais da realeza.
[59] Cf. V. P. HAMILTON, *The Book of Genesis: Chapters 1-17*, p. 106.
[60] Cf. GESENIUS, *Hebrew Grammar*, § 128, e M. F. J. BAASTEN, First Things First: The Syntax of Gn 1:1-3 Revisited, in: M. F. J. BAASTEN e R. MUNK (ed), *Studies in Hebrew Language and Jewish Culture*, p. 169-188.
[61] Cf. T. O. LAMBDIN, *Gramática do Hebraico Bíblico*, p. 99.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

sintaxe da série exige que seja co-determinado pelo nome próprio que ocupa o papel de *nomen rectum*, resultando na leitura "o reinado de". Assim: "n(o) princípio d(o) reinado de yəhôyāqîm".

Também nas quatro ocorrências de *Jeremias* (Jr 26,1; 27,1; 28,1 e 49,34), bərēʾšîṯ exerce função sintática propriamente subordinativa adverbial temporal. Eis a tradução de Jr 28,1: "e foi naquele ano, no princípio do reinado de ṣiḏqiyyāʰ, rei de Judá, no quarto ano, no quinto mês, (que) falou para mim ḥănanyāʰ ḇen-ʿazzûr, o profeta que (é) de giḇʿôn, na casa de Yahweh, diante dos sacerdotes e de todo o povo". O "acontecimento" relatado é dado pela oração "falou para mim ḥănanyāʰ ḇen-ʿazzûr". Essa é a oração principal. O período que a oração principal rege é construído sob regime de subordinação adverbial temporal. O período não apenas dá a saber o que houve, mas, igualmente, quando houve. "O que" houve é dado a saber pela oração principal. "Quando" houve é assunto para se tratar por meio da oração subordinada adverbial temporal. Ali, a conjunção "quando" é funcionalizada pela locução adverbial bərēʾšîṯ. A tradução proposta, propositadamente literal, poderia ser mais dinamicamente trabalhada. O resultado poderia ser: "quando ṣiḏqiyyāʰ começou a reinar (...) [então] ḥănanyāʰ ḇen-ʿazzûr falou para mim". A locução adverbial de tempo, bərēʾšîṯ, funciona como uma conjunção adverbial de tempo, e a oração por ela regida transforma-se em oração subordinada adverbial temporal. Sua função é dar a saber quando ocorreu o que o período apresenta como tendo ocorrido. O mesmo vale dizer quanto às demais três ocorrências: Jr 26,1; 27,1 e 49,34, sem reservas.

Resumindo, em Jr 26,1; 27,1; 28,1 e 49,34, nas suas quatro e únicas ocorrências além de Gn 1,1, a locução adverbial bərēʾšîṯ deixa-se apreender sob duas propriedades. De um lado, está co-determinada pela circunstância determinada do último termo da série em construto que ela mesma abre. Isso explica porque bərēʾšîṯ pôde prescindir do artigo, não obstante co-reger uma oração construída pelo princípio da determinação subjetiva. De outro lado, a locução adverbial converte-se em regência de subordinação adverbial temporal, realizando as funções de uma "conjunção subordinativa adverbial temporal". Como oração subordinativa, liga-se à sua oração principal. O que a oração principal dá a saber é um acontecimento que, dada a presença de bərēʾšîṯ na

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

oração subordinativa, acontece concomitantemente ao que se diz aí. O período resultante da articulação entre a oração principal (aconteceu *x*) e a oração subordinada (aquele *x* aconteceu "quando" *y*) tem por interesse não apenas dizer o que houve, mas quando houve isso que ele diz ter havido.

3.5.3.2
bərēʾšîṯ em Gn 1,1: construto e cláusula temporal

As cinco ocorrências de bərēʾšîṯ na Bíblia Hebraica (Gn 1,1; Jr 26,1; 27,1; 28,1 e 49,34) são, em termos de "forma", rigorosamente iguais: בְּרֵאשִׁית (bərēʾšîṯ). Nenhuma variação consonantal, naturalmente, e, sequer, vocálica. Com efeito, bərēʾšîṯ é um desses termos hebraicos cuja forma não se altera, seja usado em estado absoluto, seja usado em estado construto. A rigor, bərēʾšîṯ constrói-se pela prefixação da preposição bə ao substantivo rēʾšîṯ. rēʾšîṯ, sim, constitui aquele caso. Tanto que essa é rigorosamente a forma com que a palavra é empregada em todas as suas ocorrências da Bíblia Hebraica, não importa se exerça *in loco* uma função decorrente de seu estado absoluto ou construto. Apenas o contexto determina o estado sintático de bərēʾšîṯ.

Apenas um exemplo comparativo. Is 46,10 testemunha o uso absoluto de bərēʾšîṯ: maggîḏ mērēʾšîṯ ʾaḥărîṯ: "o que faz anunciar desde o princípio o fim" ["o que faz anunciar o fim desde o princípio"]. Observe-se aí o rēʾšîṯ de bərēʾšîṯ. É inequívoca a classificação: rēʾšîṯ não está em conjugação sintática com nenhum termo. Outro é o caso, contudo, por exemplo, de Gn 10,10, que lembra bastante as ocorrências de bərēʾšîṯ em *Jeremias*: wattəhî rēʾšîṯ mamlaḵtô bāḇel: "e foi o princípio do reinado dele Babel" ["Babel foi o princípio do reinado dele"]. Não há, rigorosamente, nada, além do contexto, que determine, *a priori*, se rēʾšîṯ, logo bərēʾšîṯ, encontra-se sintaticamente articulado em construto ou não. Não, se tão somente se depende da "forma" da palavra rēʾšîṯ ou da locução adverbial bərēʾšîṯ. E, é justamente por isso que se abriu essa discussão: bərēʾšîṯ é a forma constante de Gn 1,1: bərēʾšîṯ bərōʾ ʾĕlōhîm ʾēṯ haššāmayim wəʾēṯ hāʾāreṣ.

Seria adequado, então, aplicar à locução adverbial bərēʾšîṯ em Gn 1,1 tudo

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

quanto se pôde dizer dela quanto às suas ocorrências em *Jeremias*? A resposta é: sim, mormente caso uma providência prosódica seja tomada. Insista-se: pode-se tratar bərēʾšîṯ em Gn 1,1 tanto quanto *construto*, quanto como constituindo *fórmula de regência subordinativa adverbial temporal*? Sim, pode-se, mas desde que se proceda a uma alternativa na vocalização do verbo brʾ, que se lhe faz acompanhar[62]. A vocalização bārāʾ faz desse verbo uma ocorrência de completo de *qal*: "(ele) criou". Acate-se a proposta de Rashi[63], vocalizem-se as consoantes como bərōʾ, e tem-se uma forma de infinitivo de *qal* para o verbo: "criar" ou "(o) criar (de)". O resultado estaria adequado, por exemplo, à formula cosmogônica de Gn 5,1: bəyôm bərōʾ ʾĕlōhîm – "no dia do criar de ʾĕlōhîm", isto é, "quando ʾĕlōhîm criou"[64].

Em resumo, em todas as suas cinco ocorrências na Bíblia Hebraica, Gn 1,1; Jr 26,1; 27,1; 28,1 e 49,34, bərēʾšîṯ encontra-se na função de *nome regens* de uma estrutura sintática em construto. Daí se impõe a sua articulação com o(s) substantivos seguintes. Além disso, bərēʾšîṯ compõe uma fórmula de subordinação adverbial temporal, equivalendo, sintaticamente, à conjunção "quando". Daí se impõe, agora, que seja tomada, sempre, como a cláusula de abertura de uma oração subordinada adverbial temporal. A função da oração regida por bərēʾšîṯ é situar, em termos temporais, a concomitância entre informações apresentadas no período formado pela oração subordinada, de entrada, e pela principal, que lhe segue.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

---

[62] Já o reconhecia, considerando o procedimento como gramaticalmente plausível, se bem que menos simples do que a vocalização do verbo como completo, H. GUNKEL, *Genesis*, p. 103. Cf. notas 316, 317 e respectivos contextos.

[63] Os argumentos de Rashi podem ser analisados a partir da seguinte citação: [*Bereshit bara*] (…) if one wishes to explain these words in their natural meaning, it is necessary to observe the following method. In the beginning of the creation of the heaven and the earth, when the earth was confusion and chaos, God said: "Let there be light". This verse does not set forth the order of the creation. If it did, the word *barishona* (Bet Resh Alef Shin Nun He) would have been necessary, whereas the word *reshit* (Resh Alef Shin Yod Tav) is always in the construct, as in Jer. xxvii. 1, Gen. x. 10, Deut. xviii. 4; likewise *bara* (Bet Resh Alef) must here be taken as an infinitive" (M. LIBER, *Rashi*, p. 64). Cf. K. ARMSTRONG, *The Bible: A Biography*, p. 133. Registre-se, contudo, que Alviero Niccacci chega ao mesmo efeito subordionativo-temporal do v. 1, mas por meio da manutenção do completo bārāʾ, recorrendo, por exemplo, a GESENIUS, § 130 d, "construto no qual o *nomem rectum* é um verbo finito" (cf. NICCACCI, *Sintaxis del Hebreo Bíblico*, p. 42).

[64] Cf. nota 316.

3.5.4
Aspectos propriamente sintáticos de brʾ em Gn 1,1

Por uma questão tanto sintática quanto semântica, esta Tese opta por vocalizar a raiz brʾ não como a vocaliza, por exemplo, a BHS, seguida pela maioria das versões internacionais. Ali, vocaliza-se bārāʾ, o que faz dessa uma ocorrência do completo de *qal*: "(ele) criou". Nesta Tese, ouve-se Rashi[65], e vocaliza-se bərōʾ.

Excetuando-se essa proposta de vocalização, o infinitivo do verbo bārāʾ ocorre em três passagens do *Gênesis*, uma, dentro da perícope de Gn 1,1-2,4a, e as duas seguintes, fora dela. Gn 2,4a (bəhibbārʾām: "no ser criado deles" = "quando foram criados [os céus e a terra]"); Gn 5,1 (bəyôm bərōʾ ʾĕlōhîm ʾāḏām: "no dia do criar de ʾĕlōhîm ʾāḏām" = "quando ʾĕlōhîm criou ʾāḏām); e Gn 5,2 (bəyôm hibbārʾām: "no dia do criar deles" = "quando eles foram criados").

Segundo Gesenius, a forma do infinitivo construto constitui uma modalidade de "nome verbal", e se conjuga de modo particularmente bem articulado com "nomes", como se ele mesmo constituísse um[66]. Daí que, quando relacionado a substantivos, o infinitivo construto "funciona" muitas vezes como um substantivo construto. Disso, um importante exemplo é Am 7,1: biṯḥillaṯ ʿălôṯ hallāqeš, literalmente: "no começo do subir da forragem". Juntos, os termos constituem uma oração subordinada adverbial temporal: "quando a forragem começou a subir", e dizer "no começo da subida da forragem", ou "quando do começo da subida da forragem"[67], dá no mesmo, porque "o subir da forragem" e "a subida da forragem" são construções sintáticas equivalentes. Tanto assim que Gn 1,1 poderia ser naturalmente traduzido: "no princípio da criação de ʾĕlōhîm". De fato, é como traduz a TEB: "Quando Deus iniciou a criação do céu e da terra (...)".

Retornando a Am 7,1, é patente a equivalência sintática entre essa passagem

---

[65] Cf. nota 326 – mas, também, nota 316.
[66] GESENIUS, *Hebrew Grammar*, § 114, a, 1.
[67] Cf. "quando começa a brotar a forragem" (M. CHÁVEZ, *Modelo de Oratoria – obra basada en el análisis estilístico del texto hebreo del libro de Amós*, p. 125).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

e Gn 1,1. Compare-se:

Am 7,1	הַלְקֶשׁ a forragem	עֲלוֹת subir d(a)	בִּתְחִלַּת N(o) começo d(o)
	"Quando começou a subir a forragem"		
	substantivo determinativo da série	infinitivo construto	locução temporal em construto
Gn 1,1	"Quando começou a criar ʾĕlōhîm"		
	אֱלֹהִים ʾĕlōhîm	בְּרֹא criar de	בְּרֵאשִׁית N(o) princípio d(o)

Nos dois casos, foi construída a ordem sintática "locução adverbial de tempo" ("no começo de" = "no princípio de") + verbo no infinitivo construto ("o subir da" = "o criar de") + sujeito determinado ("a forragem" = "ʾĕlōhîm"). Em termos sintáticos, "no princípio do criar de ʾĕlōhîm" equivale a "no começo do subir da forragem". Aqui, "quando a forragem começou a subir". Lá, "quando ʾĕlōhîm começou a criar". Em nenhum dos dois casos se está indicando para um momento depois que alguma coisa aconteceu. Ao contrário: dirige-se o pensamento do ouvinte para o momento imediatamente antes dessa coisa acontecer. Mais propriamente, para o instante em que ela começa a acontecer. No caso de Gn 1,1, quando a "criação" começa a acontecer, quando ʾĕlōhîm vai começar a criar.

Outro é o caso, por exemplo, de Gn 2,4a: ʾēlleʰ ṯôlḏôṯ haššāmayim wəhāʾāreṣ bəhibbārʾām: "estas (são) as gerações dos céus e da terra no ser criado deles". "No ser criado deles" traduz a expressão bəhibbārʾām. Constrói-se a expressão pelo concurso da preposição bə, do infinitivo construto *nifal* de ברא[68], e do sufixo de 3.p.m.p. O sufixo impõe o princípio de determinação do infinitivo: daí "(*o*) ser criado deles". Por sua vez, o infinitivo articula-se em construto com o sufixo: daí "(o) ser criado *d*eles". Além disso, a prefixação da preposição ao infinitivo redunda no princípio de subordinação temporal já analisado para o caso de bərēʾšîṯ: daí "*n*o ser criado deles". Essa tradução literal equivale à oração subordinada adverbial temporal "quando (eles) foram criados".

Gn 1,1 e Gn 2,4a utilizam as formas do infinitivo construto do verbo ברא.

[68] Cf. GESENIUS, *Hebrew Grammar*, § 129,2.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

Gn 1,1 descreve a "criação", tendo por orientação o sujeito ʾĕlōhîm, o que justifica o uso da forma *qal*. Gn 2,4a descreve a mesma "criação", mas tendo agora por orientação o sujeito "os céus e a terra", o que explica a substituição da forma *qal* pela *nifal*, já que eles foram criados (por ʾĕlōhîm). Em ambos os casos, contudo, infinitivo construto. Nos dois casos, o infinitivo construto constitui ou parte da (Gn 1,1: "no princípio *do criar de* ʾĕlōhîm"), ou a própria oração subordinada adverbial temporal (Gn 2,4a: "*no ser criado deles*"). Gn 1,1 refere-se à "criação" desde o "presente" narrativo, quando, então, a "criação" *vai começar*, mas, antes, quer-se dizer alguma coisa sobre como estava a terra nesse momento inicial (v. 2), quando ʾĕlōhîm vai começar a sua criação, que efetivamente começa no v. 3[69]. Já Gn 2,4a faz referência à essa mesma criação, mas de um segundo presente narrativo, que é "futuro" em relação a Gn 1,1, e quando então, a "criação" já desdobrou-se efetivamente. É natural supor que Gn 1,1-2, de um lado, e Gn 2,4a, de outro, constituam marcos delimitantes programáticos de um discurso a ser desenvolvido internamente[70]. O "quando" de Gn 1,1 é o "marco inicial" da "criação" que se vai desdobrar. O "quando" de Gn 2,4a é o "marco final" da "criação", agora já desdobrada. Lá, vai-se começar. Aqui, já se terminou. Lá, "quando ʾĕlōhîm vai começar a sua criação, então (...)". Aqui, "(...) quando ʾĕlōhîm terminou a sua criação".

Como exemplo demonstrativo do recorte pragmático da sintaxe narrativa de Gn 1,1-3 pode ser apresentado o prólogo da "narrativa 'javista' da criação":

[2,4b]No dia do fazer de Yahweh-ʾĕlōhîm a terra e os céus, [2,5]então nenhum arbusto do campo estava na terra, e nenhuma erva do campo havia germinado, porque não fizera chover Yahweh-ʾĕlōhîm sobre a terra, e ʾāḏām não havia para trabalhar o solo	bəyôm ʿăśôṯ yhwhʾereṣ wəšāmāyim wəḵōl śîʾaḥ haśśāḏeʰ ṭerem yihyeʰ ḇāʾāreṣ wəḵol-ʿēśeḇ haśśāḏeʰ ṭerem yiṣmāḥ kî lōʾ himṭîr yhwh ʾĕlōhîm ʿal-hāʾāreṣ wəʾāḏām ʾayin laʿăḇōḏ ʾeṯ-hāʾăḏāmāʰ

O início da cosmogonia pode ser traduzido: "quando fez Yahweh-ʾĕlōhîm a terra e os céus, então nenhum arbusto etc." A terra e os céus estão "prontos", mas

[69] Em termos sintáticos, cf. NICCACCI, *Sintaxis del Hebreo Bíblico*, p. 41-42 – "v. 3 é o começo da narração propriamente dita".
[70] Cf. W. WIFALL, *God's Accession Year According to P*, p. 527-534.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

não há vida na terra. A ausência de "vida" é descrita pelo v. 5, mediante a informação de que, "então", isto é, "no dia de fazer Yahweh-ʾĕlōhîm a terra e os céus", não havia ainda nenhum arbusto na terra, nem germinara nenhuma erva do campo. O v. 5 descreve em que situação se encontra aquilo que se menciona no v. 4b. No v. 7, Yahweh-ʾĕlōhîm modelará ʾāḏām com o pó da ʾăḏāmāʰ, e, então, aí começa realmente o que aquela cosmogonia tem em vista.

A seguinte correlação sintática pode ser feita: Gn 1,1 = Gn 2,4b; Gn 1,2 = Gn 2,5-6; Gn 1,3ss = Gn 2,7ss. Gn 1,1 e Gn 2,4b são duas orações subordinadas adverbiais temporais com que se abrem, respectivamente, as duas narrativas "sacerdotal" e "javista" da criação. Entre elas e sua seqüência narrativa, inserem-se as respectivas descrições do marco zero da cosmogonia – como "as coisas" estavam lá e então[71]. Gn 1,1 e Gn 2,4b transportam o ouvinte para o passado, e, daí, vão fazê-lo acompanhar o desenrolar da "criação". Antes, porém, fazem questão de assentar o marco zero cosmogônico nas precisas condições em que cada cosmogonia deve ser apreendida. No que diz respeito a Gn 1,1-2,4a, a superação da "desolação" e do "deserto" em que "a terra" está convertida.

Em Gn 1,1, bərēʾšîṯ bərōʾ ʾĕlōhîm assume a função de uma oração subordinada adverbial temporal. Deduz-se tal constatação, primeiro, do fato de bərēʾšîṯ constituir, ao mesmo tempo, "construto" e "locução subordinativa adverbial temporal", funcionando do mesmo modo que a conjunção "quando", quando ela funciona nesse mesmo tipo de oração subordinada. Acresce-se a isso o fato de o infinitivo construto em que consiste a forma bərōʾ caracterizar-se pela articulação próximo-substantiva com os propriamente substantivos, inclusive o próprio fenômeno do "construto" entre substantivos. Assim se explica (e permite) a tradução "no princípio do criar de ʾĕlōhîm", que remete, então, para a fórmula temporal própria das cosmogonias próximo-orientais, e traduz-se na condição

[71] Inclusive dentro do quadro geral da argumentação do *paper*, cf. a declaração de J. Helberg, referindo-se ao exílio babilônico: "o caos que começa para Israel (cf. Gn 1,2 e Jr 4,23ss […]) não é um caos confrontando Deus, mas o fruto do juízo de Deus" (cf. J. HELBERG, The significance of the capacity of God as Creator for His relationship to the Land in the Old Testament, in: M. SHARON (org), *The Holy Land in History and Thought: Papers Submitted to the International Conference on the Relations Between the Holy Land and the World Outside It, Johhanesburg, 1986*, p. 58). Helberg sabe que Gn 1,2 descreve a terra de Jerusalém arrasada pela guerra. Basta, pois, dar o passo seguinte: Gn 1,3 representa a instalação da pedra fundamental do templo de Jersualém – "seja a luz". Para o "caos" como emergênia histórica e sob o controle de Yahweh, nos termos da *fé* judaica, cf. W. BRUEGGEMANN, *Reverberations of faith: A Theological Handbook of Old Testament Themes*, p. 29-30.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

sintática de uma oração subordinada adverbial temporal: “no princípio do criar de ʾĕlōhîm os céus e a terra, então etc.” A cadeia de genitivos fica justificada pela assunção de bərēʾšîṯ e de bərōʾ como construtos. Os dois termos constituem, cada um, *nomen regens* de uma série de três termos em construto: daí “ em princípio (de)” e “criar (de)”. O *nomen rectum* da série é um nome assumido como próprio, ʾĕlōhîm, de modo que toda a série em construto passa a ser obrigatoriamente “determinada”: daí “n[o] princípio (d[o]) criar (de) ʾĕlōhîm”[72].

Resumindo, em Gn 1,1, vocalizado o verbo segundo a proposta de Rashi, bərōʾ consiste no segundo *nomen regens* de uma série de três termos em construto. Sintaticamente, o verbo corresponde ao núcleo do predicado verbal da oração subordinada adverbial temporal em que consiste o verso: “no princípio do criar de ʾĕlōhîm os céus e a terra”, que poderia ser traduzido, alternativamente, “quando ʾĕlōhîm começou a criar os céus e a terra”. Gn 1,1 não tem caráter sintaticamente independente. Gn 1,1 consiste numa oração subordinada adverbial temporal.

3.5.5
Conclusão

À luz da análise sintática tanto dos termos quanto da estrutura de Gn 1,1-3, resulta a seguinte lição:

> **1**,1No princípio do criar de ʾĕlōhîm os céus e a terra, 2aentão a terra estava uma desolação e um deserto, 2bαpois treva (havia) sobre as faces d(o) abismo 2bβe um vento tempestuoso[73] soprava sobre as faces das águas. 3Então disse ʾĕlōhîm: ‘seja a luz’, e a luz foi[74].

[72] Para a sintaxe, cf. GESENIUS, *Hebrew Grammar*, § 89a.
[73] “Mighty wind” (cf. R. DAVIDSON, *Genesis 1-11*, p. 12).
[74] De resto, acompanhando de muito perto a lição de Theophile J. Meek: “when God began to create the heavens and the earth, the earth was a desolate waste, with darkness covering the abyss and a tempestuosus wind raging over the surface of the waters. Then God said, “Let there be light!” And there was light” (T. J. MEEK, The Book of Genesis, in: J. M. P. SMITH, T. J. MEEK, L. WATERMAN, A. R. GORDON e E. J. GOODSPEED, *The Complete Bible – an american translation*, 1951. Em linhas gerais, conferir também a tradução recente de M. F. J. BAASTEN: “When God began to create the heavens and earth – the earth was (still) chaos, darkness was over

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

O período composto poderia ser parafraseado da seguinte maneira: "a terra estava uma desolação e um deserto, quando ᾽ĕlōhîm começou a criar os céus e a terra, pois havia treva e soprava um vento tempestuoso sobre as faces do abismo e das águas. Então ᾽ĕlōhîm disse: 'seja a luz', e a luz foi".

Ainda sem tratar especificamente da tradução e do significado de cada uma das expressões, bem como do conjunto, e atendo-se apenas à relação sintática entre as partes, bem como entre cada parte e o todo do texto, disponibilizam-se as seguintes observações.

Há uma inter-relação recíproca entre os termos que constituem a série "os céus e a terra" (v. 1), "a terra" (v. 2a), "abismo" e "as águas" (v. 2b), e, finalmente, "luz" (v. 3). O que se diz "surgir", "ser", é a luz: "seja a luz" (v. 3). Essa ordem, a que se segue seu atendimento imediato – "e a luz foi" –, é dada em face do fato de que a "treva" cobre o abismo e o vento tempestuoso sopra sobre as faces das águas. Isto significa que lá estão abismo e águas, sobre os quais lá estão, agindo contra-criativamente, treva e vento tempestuoso.

Em termos sintáticos, o topos aquático descrito ("abismo" e "águas") identifica-se com "a terra", uma vez que os v. 2b*α* e 2b*β* funcionam como explicação/descrição do que se diz dessa "terra" no v. 2a. Diz-se, ali, que a terra estava, lá e então, uma desolação e um deserto, *pois* a treva e o vento agiam contra-criativamente sobre as águas e o abismo. Ao abismo e às águas convulsionadas sob as forças contra-criativas da treva e do vento corresponde a terra em desolação. Deduzir-se-ia, portanto, haver identificação sintático-imagético-referencial entre "abismo" e "águas" de um lado, e "terra" de outro.

Entende-se, agora, porque a luz deve ser a primeira coisa a vir a "ser", quando ᾽ĕlōhîm vai começar a sua criação – a criação dos "céus e da terra". É como se, quando "᾽ĕlōhîm olhasse", ele "visse" abismo e águas, convulsionados pelo vento, e cobertos pela treva. É dessas águas, desse abismo, que "os céus e a terra" sairão, conforme fica claro pelo desenvolvimento da narrativa. As águas, depois de controladas – "seja a luz" – as forças que as convulsionavam contra-

---

the face of the abyss, and a mighty wind swept over the face of the waters – God said: 'Let there be light"; and there was light" (cf. M. F. J. BAASTEN, First Things First: The Syntax of Gn 1:1-3 Revisited, in: M. F. J. BAASTEN e R. MUNK (ed), *Studies in Hebrew Language and Jewish Culture*, p. 178).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

criativamente, são separadas em águas superiores e águas inferiores. Os "céus" põem-se entre as duas águas, na figura do firmamento (rāqîᵃᶜ, v. 6-8)[75], de modo que, agora, são as águas de sobre os céus e as águas de sob os céus – entre elas, os céus, nesse sentido, portanto, tirados de dentro delas, e ainda entre elas instalados.

Às águas inferiores, ʾĕlōhîm impõe que se recolham para um lugar (māqôm, v. 9), de modo que, dado esse recolher-se das águas para esse lugar, lá, no lugar onde elas estavam antes de recolherem-se, surja a "terra" (ʾereṣ, v. 10). A ʾereṣ estava, portanto, dentro das águas e do abismo. Em termos sintáticos, dizer que a terra sai – é tirada – de dentro das águas (v. 9) é o mesmo que dizer que "a terra estava uma desolação e um deserto" (v. 2a). Para criar a terra e os céus – e isso é importante! – primeiro ʾĕlōhîm tem de agir contra as águas e o abismo – melhor: contra as forças contra-criativas que os convulsionam, impedindo toda estabilidade, a saber, a treva – ḥōšeḵ – e o vento tempestuoso – rûᵃḥ ʾĕlōhîm. Em termos sintáticos, ʾĕlōhîm age contra tais forças contra-criativas fazendo com que, para tal fim, "seja a luz". Quando surge a luz, a treva recua. E quando as águas acalmam-se, convulsionadas que estavam pelas rajadas tempestuosas do vento, agora sob controle, as águas, conseqüentemente também acalmadas, podem, agora, ser manejadas criativamente, primeiro, sendo separadas, e trazendo à luz "os céus", e, depois, deixando emergir, desde dentro de sua porção inferior, "a terra".

Sintaticamente, portanto, o que se tem em vista é a "criação" "dos céus e da terra". Tal criação consiste na ação da divindade sobre o *status quo* tempestuoso das águas que lá estão – não se tem nem a preocupação de dizer que foram criadas, mas parte-se da observação delas, lá e então[76] – dentro das quais, submergidos, e em potência, lá estão os céus – rāqîᵃᶜ – e a terra – ʾereṣ. "Criar" "os céus e a terra", para ʾĕlōhîm, é "fazê-los sair" de dentro das águas – para o

[75] Cf. A. CHOURAQUI, *A Bíblia. No Princípio (Gênesis)*, p. 39, n. 6. "um teto (...): da raiz *raqa'*, 'laminar', uma camada sólida separando dois níveis. Jerônimo (...) teve razão ao empregar o termo *firmamentum*". Contra, cf. N. KRAVITZ, *Genesis: A New Interpretation of the First Three Chapters*, p. 27.

[76] Cf. Sb 11,17 – κτίσασα τὸν κόσμον ἐξ ἀμόρφου ὕλης: "criou o cosmos de matéria amorfa" – *versus* 2 Mac 7,28 – οὐκ ἐξ ὄντων ἐποίησεν αὐτὰ ὁ θεός. Não se trata, aqui, de decidir se Deus teria criado o mundo do nada, como o quer 2 Macabeus, ou de matéria amorfa pré-existente, como o pretende Sabedoria. Trata-se, sim, de afirmar que, em Gn 1,1-3, quando ʾĕlōhîm começou a criar os céus e a terra, as águas já estavam lá. Gn 1,1-3 faz-se tributário de Sb 11,17, ao passo que, se 2 Mac 7,28 pensa em Gn 1,1-2,4a, já o acessa por meio de releituras teológico-filosóficas de inclinação helênica.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

que precisa acalmá-las. Os céus constituem a contenção firme – *firmamentum* – das águas superiores, expressão mitoplástica da abóbada celeste, sobre a qual as águas do dilúvio, agora, repousam – e espreitam. A terra, finalmente, constitui a emergência sintaticamente extraída de dentro das águas – que lá estavam, e lá, contudo, continuam. Antes, contudo, incontrolavelmente convulsionadas por treva e vento. Agora, no entanto, controladas pela ação criadora da divindade.

Nos termos da seqüência discursivo-narrativa, e dado o enredo sintático do período, tem-se a seguinte série cronológica: águas convulsionadas por treva e vento tempestuoso – céus e terra submersos em águas e abismo – luz vindo a ser – céus instalados entre as águas separadas – terra emersa desde as águas de sob os céus. Ou, dito de outro e igual modo: vento e treva sobre abismo e águas – terra em desolação e deserto – ação agonístico-criativa de ʾĕlōhîm – vento e treva controlados – águas e abismo acalmados – os céus e a terra emergidos. Das águas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

3.6
Da autoria de Gn 1,1-3

Não obstante a crise que ronda os estudos críticos relativos ao Pentateuco, mormente aos aspectos relacionados à sua origem e desenvolvimento literário, Gn 1,1-2,4a, e, conseqüentemente, Gn 1,1-3, permaneceu relativamente "segura", como perícope reputada a P. Tratar-se-ia, portanto, de uma narrativa "sacerdotal"[77]. Tal afirmação significaria que a responsabilidade conceitual, plástica e funcional da narrativa seria de responsabilidade sacerdotal.

Mesmo exegetas latino-americanos, comprometidos com a leitura de Gn 1,1-2,4a como narrativa relativa ao "pobre" judeu exilado na Babilônia, assumem

[77] Nesse sentido, cf. W. BRUEGGEMANN, *Genesis*, p. 22. Também, I. MAZZAROLO, *Gênesis 1-11*, p. 62, 63 e 65. Para uma Introdução, cf. E. ZENGER, O Surgimento do Pentateuco, capítulo constante de E. ZENGER e OUTROS, *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 61-96. Pode-se observar, na p. 95, um esquema, segundo o qual P^G: Gn 1,1-Lv 9,24*, na condição de "escrito básico sacerdotal", é dado como surgindo cerca de 520 na Babilônia. À presente Tese, interessa extrair desse esquema a manutenção de Gn 1,1-2,4a no século VI, ainda que, aqui, postecipe-se a redação da cosmogonia para o final desse mesmo século.

a "autoria" sacerdotal: "surpreende que aqueles ex-sacerdotes e funcionários do Estado de Judá tenham formulado o projeto de Deus nas categorias do povo trabalhador (...) e não dentro dos parâmetros do templo ou do palácio"[78].

É necessário, contudo, perguntar-se pela função da narrativa, enquanto cosmogonia, e, desde aí, perguntar-se pelo papel que sacerdotes representariam em face dela.

Em termos históricos, o século VI divide-se em dois grandes blocos: o período do "cativeiro" babilônico, e o período da "restauração" de Jerusalém. O primeiro, estende-se até quase o fim do século, sendo razoável considerar-se o marco divisor em torno de 520 a.C. Apesar da "libertação" dos judeus da *golah* poder ser tomada como tendo-se dado, em tese, em 539/538, com a "queda" da Babilônia, sob a Pérsia, há confortável consenso em que a "restauração" político-religiosa *oficial* – imperial – de Judá tenha se dado, efetivamente, somente a partir do último quinto do século: "o regresso dos exilados para Jerusalém e Judá não ocorreu já em 538 a.C., mas apenas nos anos 20 do século 6"[79].

A rigor, o projeto de restauração de Judá/Jerusalém ter-se-ia constituído num projeto "monárquico"[80]. O "testemunho aponta para uma coligação monárquico-sacerdotal-levítica"[81]. No que diz respeito ao planejamento ideológico-conceitual e estratégico, não se tratava, absolutamente, no início, de

---

[78] Cf. M. SCHWANTES, *Projetos de Esperança. Meditações sobre Gênesis 1-11*, p. 34. Tal fato explica-se *in loco*: "acontece que estes ex-sacerdotes, de fato, se haviam convertido ao mundo dos profetas".

[79] Cf. H. DONNER, *História de Israel e dos Povos Vizinhos, v. 2: da época da divisão do Reino até Alexandre Magno*, p. 465.

[80] Naturalmente que sob o controle Persa. Não se pretende que com projeto monárquico se pressuponha uma articulação em prol de independência de gestão, absolutamente. Trata-se, antes, da adaptação da dinastia aos interesses do Império, bem como a instrumentalização da dinastia em função dos interesses do Império, jogo naturalmente não equilibrado, mas pendendo sempre em favor da Pérsia. Sabe-se, por exemplo, que um nobre persa, Ariandes, foi deixado como governador do Egito, de 522 a 510. Consta que este teria julgado oportuno demonstrar, a seu favor, alguma ostentação do poder que o próprio Dario I reservava a si, e que, portanto, acabou executado, sendo posto em seu lugar Oudja Horresne. Observe-se que à Pérsia interessa a manutenção da estrutura civil local, sob pessoal de sua estrita confiança, servindo-se dessa estrutura em função de seus interesses políticos e econômicos. A presença de Zorobabel, e sua nomeação de *peha*, responde, da mesma forma, aos interesses do mesmo Dario I (cf. H. DONNER, *História de Israel e dos Povos Vizinhos*, v. 2, p. 443-458; A. H. J. GUNNEWEG, *História de Israel. Dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl até os nossos dias*, p. 224; e H. CAZZELES, *História Política de Israel, desde as origens até Alexandre Magno*, p. 211-223. Há discordância de data para a execução de Ariandes: 510, Donner, 519, Cazzeles). Para a política persa em relação aos poderes locais das satrapias, cf. L. S. Fried, *The Priest and The Great King. Temple-Palace relations in the Persian Empire*, 2004, onde se afirma que não havia qualquer tipo de independência política local, afirmação já presente em DONNER, *op cit*, p. 446: "não se tratava de tolerância como atitude mental, mas por calculismo: ela decorria da percepção de que assim o império mundial poderia ser dominado de maneira melhor e mais duradoura".

[81] Cf. S. GALLAZZI, *A Teocracia Sadocita – sua história e ideologia*, p. 42.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

um projeto "sacerdotal"[82]. À semelhança do "modelo" Josias-Hilquias, isto é, o "binômio" rei-sacerdote, cronologicamente situado nos estertores da vida nacional pré-exílica de Judá, que, contudo, pode já transparecer a supressão da profecia[83], levada a termo pelos esforços já então teoricamente "hierocráticos" do século V, o modelo gestor da restauração de Jerusalém pressupunha o binômio Zorobabel-Josué. Zorobabel, rei, e Josué, sumo sacerdote. Segundo esse modelo, essencialmente monárquico, o altar e o templo estão submetidos político-ideologicamente à coroa. Pense-se, por exemplo, no conceito de Grande Organização, relativo ao binômio templo-palácio como gestor dos programas político-religiosos e sócio-econômicos na Babilônia, conforme o descreveu Emanuel Bouzon[84]. Para todos os efeitos, seja sob Zorobabel, diretamente, seja sob Josué, dado o "desaparecimento" histórico de Zorobabel, o poder real pertencia à coroa persa – ao Grande Rei, Grande rei da Babilônia, do Egito, da Ásia Menor – e de Judá.

Logo, que sentido faz falar-se de "autoria" sacerdotal de Gn 1,1-3? Trata-se, naturalmente, e em primeiro lugar, de uma questão de "estilo". O estilo "sacerdotal" deve significar, contudo, que o mitoplasma[85] devesse ser elaborado

---

[82] Em termos históricos, e no que diz respeito à questão do poder político e seus desdobramentos ideológicos, sociais, econômicos e culturais, a *golah*, antes de sacerdotal, é monárquica. É mesmo impressionante o fato de que, quando se trata do século VI, é como se a monarquia tivesse simplesmente desaparecido. E isso ainda que a literatura do período seja insistente em afirmar a presença de Zorobabel como cabeça dos projetos de restauração da cidade. Para a concentração de temas relacionados à realeza e a Davi no imediato período pós-exílico, cf. A. CHESTER, *Messiah and Exaltation: Jewish Messianic and Visionary Traditions and New Testament Christology*, p. 218-219.

[83] Cf. S. GALLAZZI, *A Teocracia Sadocita – sua história e ideologia*, p. 67-68, nota 162.

[84] Cf. o artigo O Templo, o Palácio e o Pequeno Produtor na Baixa Mesopotâmia Pré-sargônica, em E. BOUZON, *Ensaios Babilônicos. Sociedade, economia e cultura na Babilônica pré-cristã*, p. 13-38. Afirma-se, aí, tratar-se o complexo palácio-templo, sob o controle deste, como elemento de gestão política, social, econômica e religiosa da Babilônica. A analogia com o modelo israelita, e, mais recentemente, judaico, é possível, e pertinente. Para o período persa, diretamente relacionado à pesquisa, e especificamente, à datação que a Tese propõe para Gn 1,1-3, consulte-se L. S. FRIED, *The Priest and The Great King. Temple-Palace relations in the Persian Empire*, 2004. A conclusão da pesquisadora dá-se no sentido de afirmar a absoluta dependência da gestão política imperial persa por parte de Judá, desde a "restauração", segundo o modelo das satrapias da Babilônia, do Egito e da Ásia Menor. "Persian-period Judah was not self-governing" (p. 233): o Grande Rei *administrava* a ideologia político-religiosa e as políticas pragmáticas civis de Judá. A ausência posterior de Zorobabel e a assunção ao poder da classe hierocrática apenas eliminou uma interface persa – o rei judeu – mas, não obstante, manteve a gestão da "coisa pública" nas mãos da coroa: "there were no assemblies, no Jewish lay bodies to advise the governador, no sanhedrins. There was no vehicle for local control. Neither was Judah a theocracy. Local officials, whether *priest* or lay, held little real power" (p. 233).

[85] Para o conceito de mitoplasma, cf. M. DETIENNE, *A Invenção da Mitologia*, 1998. Imprescindível o capítulo A Cidade Defendida por seus Mitólogos, p. 151-185. Nos termos da leitura detienneana de *A República*, de Platão, mitoplasmas seriam elaborações litúrgico-poéticas, ideologicamente determinadas pelo Estado, para a imposição da "ordem". Detienne fala de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

pelos escribas sacerdotais, mas não que fosse, necessariamente, conceituado por eles, muito menos, quanto à funcionalidade litúrgico-ideológica pressuposta, instrumentalizado exclusiva ou prioritariamente a favor deles. O rei encomenda o mitoplasma, mas não é ele quem o redige. Quem o redige, contudo, malgrado fazê-lo conforme a regra e o estilo próprios do *Sitz im Leben* indissociável da funcionalidade histórico-social da narrativa, atende, incontornavelmente, ao projeto sob encomenda – o projeto real[86].

Além do estilo, faria sentido uma classificação "sacerdotal" para Gn 1,1-3 em face do contexto litúrgico[87] pressuposto na celebração relacionada à leitura pública da narrativa, que, ainda que orquestrada pela coroa, deveria ser encenada também pelos atores sacerdotais.

Por meio desse argumento, é possível, portanto, suscitar a plausibilidade auto-imposta de um vínculo entre Gn 1,1-3 e o projeto monárquico de restauração de Jerusalém, sob a "autorização" da Pérsia. A narrativa atenderia, assim, ao projeto de restauração da cidade, encabeçado político-ideologicamente pelo programa de reconstrução do Templo de Jerusalém como "templo do rei"[88]. As eventuais mãos sacerdotais, as eventuais mãos de escribas que, tecnicamente, redigem a narrativa, deixam-se forçosamente guiar por esse estratégico projeto do(s) [dois] rei(s).

A primeira grande obra da restauração de Judá é o aparelho político-religioso do projeto de "restauração", o Templo, desde onde o governo de Zorobabel – efetivamente, sob a Pérsia –, servindo-se da estrutura sacerdotal,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

"mitoplastia" – elaboração *oficial* (ideológica, naturalmente) de mitos, de "mitólogos", os funcionários do mito *oficial*, e de "mitoplasmas", as peças litúrgico-poéticas *oficiais*, carregadas e encarregadas do mito *oficial*.

[86] Consulte-se a observação de W. WIFALL. O estilo de Gn 1,1 seria tributário dos procedimentos narrativos "deuteronomistas" de instalação cronológica e narrativa de reis de Judá/Israel e seus respectivos reinados, isso com base justamente em Jr 26,1 e demais construtos de bərēʾšîṯ em *Jeremias*. Uma vez que, em Gn 1,1, a criação "substituiria" a monarquia, a semana criativa de Deus corresponderia aos anais do reinado do rei (cf. W. Wifall, *God's Accession Year According to P*, p. 527-534 – "a semana criativa do deus corresponde aos anais do reinado do rei"). Talvez fosse oportuno observar que não, não substituiria, não, porque, em termos fenomenológicos, a "criação" – no contexto próximo-oriental (e além!) – é obra justamente da realeza. Substituição, então, não, mas hipóstase.

[87] Para o uso litúrgico programático de Gn 1,1-2,4a, não necessariamente nos termos que se propõem na Tese, cf., por exemplo, W. BRUEGGEMANN, *Genesis*, p. 22.

[88] Cf., por exemplo, o enfrentamente entre Amasias (ʾămaṣyāʰ), sacerdote de Betel (kōhēn bêṯ-ʾēl) e Amós, em Am 7,1-15. É esclarecedora, e heuristicamente pertinente para o argumento da Tese, o modo como Amasias contra-argumenta com Amós, interditando a ele a palavra profética em Betel: ûḇêṯ-ʾēl lōʾ-ṯôsîp̄ ʿôḏləhinnāḇēʾ kî miqdaš-melek̲ hûʾ ûḇêṯ mamlāk̲āʰ hûʾ – "mas em Betel não continuareis a profetizar, porque *santuário do rei é*, e *casa do reino é*" (Am 7,13).

encenaria as peças litúrgicas oficiais em favor da política estatal. O contexto vital, instrumental, funcional de Gn 1,1-3, o *Sitz im Leben* da narrativa "sacerdotal" da criação é, nesse sentido, a manipulação político-religiosa do aparelho do Estado pela *golah*[89], no qual se expressariam as marcas estilístico-litúrgicas dos redatores e dos atores litúrgico-sacerdotais, mas cuja direção de arte é assinada pela(s) coroa(s). E isso, mesmo quando a coroa imediata, judaica, sai de cena, porque, a rigor, mesmo ela já se encontrava sob os pés de outro soberano, que, afinal, é quem financia e promove o mitoplasma e o rito material de base.

Nesse sentido, Gn 1,1-3 somente indiretamente pode ser relacionado aos sacerdotes, isto é, apenas tecnicamente, no sentido de que podem ter sido eles os redatores, e teriam sido necessariamente eles os instrumentalizadores concretos da narrativa, mas isso apenas sob as ordens e a política da coroa, em última e primeira análise, a *exclusiva autoridade* sobre a funcionalidade da cosmogonia[90].

O argumento em defesa do caráter monárquico do projeto de restauração de

---

[89] Para a subordinação política e ideológica da *golah* às autoridades persas, cf. R. ALBERTZ, *A History of Israelite Religion in the Old Testament Period. V. II: from the Exile to the Maccabees*, p. 446. Cf., ainda, Lisbeth S. FRIED, *The Priest and the Great King. Temple-Palace relations in the Persian Empire*, 2004.

[90] Uma das razões concretas para a redução do escopo literário para Gn 1,1-3 foi o conflito que emergiu do caráter histórico-social de ʾāḏām em Gn 1,26. A pesquisa inclinava-se a referi-lo explicitamente ao rei davídico, responsável a um só tempo – sempre sob a Pérsia – pela restauração de Judá, pela reconstrução do Templo de Jerusalém e pela elaboração da cosmogonia de Gn 1,1-2,4a, e o grande regente político da sua instrumentalização litúrgica. Elementos retóricos para a argumentação podiam ser recolhidos, por exemplo, de D. E. CALLENDER, *Adam in Myth and History – ancient israelite perspectives on the primal human*, Winona Lake: Eisenbraus, 2000, onde se reconhece uma derivação, em P, "from the royal imagery of the ancient Near West" (p. 38), conclusão contornada, contudo, por meio de uma significação metafórica para "all of humanity". O verbo רדה (governar), em Gn 1,26, por exemplo, que tanta dor de cabeça tem dado às aproximações bíblico-ecológicas a Gn 1,1-2,4a, poderia ser melhor compreendido como a condição natural do "rei", uma vez lida a narrativa como uma referência ao rei como "pai dos povos", e, concretamente, como o fundador da Judá restaurada. O conceito não está longe, por exemplo, da utilização do verbo ברא em Sl 102,17-19: quando Jerusalém fosse reconstruída, um povo seria "criado". Porque, afinal, a criação do povo – sob o rei, naturalmente – constitui, para todos os fins, o sentido concreto da instrumentalização cosmogônica político-religiosa no Antigo Oriente Próximo. Inclusive em Judá. E tratar-se-ia disso, então, por conseqüência, quando se observa Gn 1,1-3. A polêmica pareceu não suficientemente madura para compor uma Tese já também polêmica, e, por conta desse argumento, decidiu-se contornar a questão – e a única forma de o fazer é não se tratar do corpo da narrativa, mantendo-se a discussão apenas no campo macro-ideológico, furtando-se a pesquisa de desdobrar a Tese nos elementos constituintes completos de Gn 1,1-2,4a, como se pretendia, e como se deve, ententualmente, fazer num futuro possível. Essa é, inclusive, uma das mais importantes questões em torno de Gn 1,1-2,4a, sem a determinação da qual não se pode pôr, de fato, a passagem em seu pertinente *Sitz im Leben*. Não é, aliás, por outra razão que o *Sitz im Leben* de Gn 1,1-2,4a como cosmogonia próximo-oriental perde-se com tanta facilidade – é quando ʾāḏām transforma-se na "humanidade" que Gn 1,1-2,4a passa a ser interpretado midráshico-alegoricamente (cf. o mesmo fenômeno de universalização/humanização de um grupo social específico – nesse caso, os bənê ʾāḏām (= o rei e seu aparelho técnico-burocrático) – em Sl 53,2-7.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

Jerusalém, respectivamente, a marca da coroa na ideologia pressuposta em Gn 1,1-3, com desdobramentos críticos em toda a narrativa de Gn 1,1-2,4a recebe tributos consideráveis, e dificilmente contornáveis, quando se o aproxima das pesquisas em torno da funcionalidade político-ideológica das grandes cosmogonias próximo-orientais.

Em resumo, a Tese considera plausível afirmar que, em última análise, Gn 1,1-3 assenta sobre a autoridade e a autoria ideológico-política da monarquia judaica imediatamente pós-exílica, podendo-se mesmo identificar concretamente a figura histórica de Zorobabel como a responsável pela sua encomenda, e isso ainda que seja necessário supor que a redação técnica da narrativa tenha estado a cargo de escribas e/ou sacerdotes da *golah*, já que, seja como for, para todos os efeitos, eles representavam, afinal, os interesses daqueles a quem lhes cabia servir na condição de funcionários da coroa. Posto isso, resultaria historicamente superficial a classificação de Gn 1,1-2,4a como "narrativa sacerdotal da criação". A Tese propõe, em lugar da referência retórica tradicional, a designação de Cosmogonia de Inauguração do Templo de Jerusalém para Gn 1,1-2,4a, da qual, portanto, o escopo literário da Tese representa o prólogo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

3.7
Da datação de Gn 1,1-3

A Tese defende que Gn 1,1-3 constituiria o prólogo da Cosmogonia de Inauguração do Templo de Jerusalém. Para tanto, pressupõe, necessariamente, que o *Sitz im Leben* da narrativa tenha sido a ideologia político-religiosa monárquica, situada, cuja instrumentalização mítico-litúrgica seria operada pelos atores da liturgia sacerdotal.

Contra a corrente majoritária, que data a narrativa no período do exílio, na Babilônia, *para* os exilados[91], a Tese propõe a data, portanto, muito clara, de 515

[91] Por exemplo, W. BRUEGGEMANN, *Genesis*, p. 24-25: "the text is likely dated to the sixth century BC, and *addressed to exiles*; M. SCHWANTES, *Projetos de Esperança*, p. 27: "Gênesis 1

a.C., assumida pela pesquisa histórico-exegética e histórico-arqueológica para a inauguração do Templo de Jerusalém[92].

Os elementos retóricos da argumentação deverão ser desenvolvidos nos capítulos três e quatro, uma vez que constituem o elemento específico da Tese. Antecipa-se-lhes, provisoriamente, com as seguintes proposições.

Primeira, Gn 1,1-3, como prólogo de Gn 1,1-2,4a, constitui a abertura solene e miticamente circunstancial da Cosmogonia de Inauguração do Templo de Jerusalém. Para tanto, segue o modelo e o roteiro das cosmogonias próximo-orientais, do que se tratou no capítulo um.

Segunda, a cosmogonia, político-religiosamente manipulada e instrumentalizada, tem seu *Sitz im Leben* vinculado à construção, reconstrução e inauguração de espaços político-sociais, sob a autoridade política do poder estabelecido. Cosmogonias constituem, a rigor, etiologias nacionais, miticamente elaboradas, e político-ideologicamente instrumentalizadas em circunstâncias liturgicamente programadas[93].

Terceira, a "criação" a que a cosmogonia de Gn 1,1-3 se refere é a reconstrução de Jesuralém, explicitamente, o seu Templo, destruído pela Babilônia havia, então, quase já um século.

Quarta, dizer que "então a terra estava uma desolação e um deserto", é, nesse sentido, descrever, sob a ideologia da *golah*[94], a desolação e a desertificação de Jerusalém, destruída, e, então, em escombros (cf. Sl 102,17-19).

Quinta, a "luz", que vem a ser, (trans)significa, miticamente, o poder reconstruidor da cidade, do templo, da "nação", luz essa que, expulsando a treva, propicia as condições de reorganização social, reconfiguração política e re-estruturação econômica, material e noológica do "povo" – sob a "realeza".

---

situa-se no 6° século, no exílio na Babilônia. Este dado dificilmente poderá ser questionado"; W. LANE, *Initiation of creation*, p. 66; J. S. CROATTO, *El Hombre en el Mundo – I: creación y designio. Estudio de Génesis 1:1-2:3*, p. 22. Para uma data ainda mais tardia, cf. I. MAZAROLLO, *Gênesis 1-11*, p. 60-64.

[92] Cf. H. DONNER, *História de Israel e dos Povos Vizinhos*, v. 2: "a construção do segundo templo começou apenas no ano de 520" (p. 463), e "no ano de 515 a.C., a construção do segundo templo estava terminada" (p. 470). Também, H. CAZZELES, *História Política de Israel*, p. 218.

[93] "Por mais pretensioso que pareça, devemos afirmar que a criação pertence à etiologia de Israel" (G. VON RAD, *Teologia do Antigo Testamento – teologia das tradições históricas de Israel*, v. 1, p. 146).

[94] Segundo cuja teologia "a terra" fora completamente destruída e devastada, permanecendo, por isso, deserta (cf. R. P. CARROLL, *The Myth of the Empty Land*, p. 85). Recomenda-se, ainda, o capítulo O Resto de Judá em Judá, em S. GALLAZZI, *A Teocracia Sadocita – sua história e ideologia*, p. 17-24 e 30-32.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

Ora, dadas tais proposições provisórias, se heuristicamente legítimas, resulta necessário dizer que só se pode falar de reconstrução de Jerusalém *quando da reconstrução de Jerusalém*. O mais longe que se pode chegar com esse raciocínio é 515 a.C.

A Tese, portanto, defende a hipótese de trabalho seguinte: Gn 1,1-3, como prólogo, introduz mítico-ideologicamente a cosmogonia de inauguração do Templo de Jerusalém, encenada liturgicamente, pela primeira vez, em 515 a.C. E, malgrado sua redação dever ser situada (pouco) *antes* dessa data, uma vez que a cosmogonia é dirigida *para esse fim*, permanece 515 como marco didático para a instrumentalização da narrativa em seu *Sitz im Leben* programático, e, o período imediatamente anterior, para a sua redação tecnicamente falando.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

3.8
Análise retórico-literária de Gn 1,1-3

Costuma-se considerar Gn 1,1-2,4a, logo, também Gn 1,1-3, uma narrativa carregada de intenções "teológicas". Assim, teria por intenção refutar a teologia polilátrica babilônica[95]. O tema central da narrativa tem sido sugerido como o próprio "Deus criador"[96]. Quando comenta a expressão hebraica rûªḥ ᾽ĕlōhîm, de Gn 1,2a, traduzindo o verso como "mas o sopro de Elohîms planava", André Chouraqui chega a relacionar o elemento da divindade, assim pressuposto, com "o *atman* do sânscrito, o *dem* dos persas, *o pneuma* dos gregos"[97].

É freqüentemente assumido que a redação de Gn 1,1-3 serve-se de material mais antigo, bem como empresta muito das cosmogonias mesopotâmicas e egípcias[98]. Com base na plausível ruptura sintática entre os v. 1 e 2, suscita-se ainda a questão conflituosa entre os conceitos de "criação a partir do nada" e de

[95] Assim, por exemplo, W. BURUEGGEMANN, *Genesis*, p. 25.
[96] Assim, por exemplo, W. BRUEGGEMANN, *Genesis*, p. 22.
[97] Cf. A. CHOURAQUI, *A Bíblia. No Princípio (Gênesis)*, p. 36.
[98] Assim, por exemplo, W. BRUEGGEMANN, *Genesis*, p. 24.

"criação a partir do *caos*"[99].

Em *Genesis*, Hermann Gunkel afirmava ser preferível tomar-se Gn 1,1 como uma oração independente, porque, caso contrário, segundo seu parecer, resultaria necessário considerar que, inicialmente, ʾĕlōhîm teria criado o caos (com o que se teria o v. 1), e, em seguida, teria agido criativamente sobre o caos, resultando, daí, primeiro, o estado pré-criacional da "terra", no v. 2, e, finalmente, a "luz", no v. 3[100]. Gunkel recusa a possibilidade que ele mesmo observa, porque, argumenta, "a noção de criação do caos é intrinsecamente contraditória"[101]. A posição de Gunkel é afirmar a peculiaridade semântico-teológica do verbo **ברא**, que assumiria, justamente aí, em Gn 1,1, o sentido técnico de criação de alguma coisa "maravilhosa"[102]. Assim, o v. 1 é tomado, já, como criação, consequëntemente ao fato de que se trata, para Gunkel, de uma cláusula independente: "no princípio ʾĕlōhîm criou os céus e a terra".

O raciocínio de Gunkel depara-se, então, com o v. 2, e a afirmação, de resto, então, paradoxal, de que a terra estava ṯōhû wāḇōhû. Gunkel reconhece que, dado o argumento anterior, aplicado ao v. 1, uma vez que a "criação" ter-se-ia dado de forma a poder ser dito que "o mundo fora somente criado por Deus e que antes dele nada havia existido"[103], surpreendia, agora, o fato de que a terra, afinal, encontrava-se num estado paradoxalmente ainda "pré-criacional". A solução de Gunkel é a seguinte: considerar que o v. 2 consistisse em elementos traditivos propriamente israelitas, logo, antigos, e que o v. 1 consistisse de material propriamente judaico, recente, e que, na redação de P, ter-se-ia o esboço ainda muito grosseiro do que viria a se tornar, apenas mais tarde – e Gunkel cita 2 Mc 7,28 e Hb 11,3 –, a doutrina da *creatio ex nihilo*. Segundo suas próprias palavras:

---

[99] Assim, por exemplo, W. BRUGEEMANN, *Genesis*, p. 29.

[100] Cf. H. GUNKEL, *Genesis*, p. 103. De fato, em sua abordagem "estrutural" de Gn 1,1-2,4a, E. R. Kirchof afirma com toda a naturalidade: "na primeira fase da criação, Deus cria 'a terra sem forma e vazia; trevas; a face do abismo e as águas'", conjunto a que o autor chama de *protomundo* (cf. E. R. KIRCHOF, *As Verdades da Criação – uma abordagem estrutural do Gn 1-2,4a*, p. 45). A Tese não pode acompanhar sua afirmação, porque sequer reconhece uma "terra sem forma" em Gn 1,1-3.

[101] H. GUNKEL, *Genesis*, p. 103.

[102] "The world signifies the peculiar activity of God that produces something wondrous, unheard of, new" (H. GUNKEL, *Genesis*, p. 103).

[103] "That the world was only created by God and that before him nothing will have existed" (H. GUNKEL, *Genesis*, p. 104). Contra isso, cf. Sab 11,17, κτίσασα τὸν κόσμον ἐξ ἀμόρφου ὕλης, segundo a leitura de M. GILBERT, La relecture de Gn 1-3 dans le livre de la Sagesse, in: F. BLANQUART, P. BEAUCHAMP e L. DEROUSSEAUX (org), *La création dans l'Orient ancien (Congrès de Association catholique française pour l'étude de la Bible, Lille, 1985)*, p. 32-33.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

> Que P adotasse uma tal descrição do *caos* demonstra que ele, também, não concebia ainda claramente a noção de *creatio ex nihilo* (...). A descrição do estado primordial caótico é 'um verdadeiro tesouro mitológico'"[104].

Depreende-se da posição de Gunkel, que, a valer um semelhante raciocínio, P teria se servido de duas plataformas operacionais, uma, antiga, segundo a qual o mundo criado teria saído do caos, e outra, mais recente, segundo a qual esse mesmo caos, por sua vez, já teria sido, ele mesmo, criado pela divindade. Assim, mantidas lado a lado as duas concepções cosmogônicas, o paradoxo se revela na passagem do v. 1 para o v. 2, de modo que não ainda perfeitamente estaria marcada, categoricamente, a doutrina, explícita em 2 Mac 7,28, da *creatio ex nihilo*[105].

O fundamental da posição de Gunkel é a manutenção do estatuto independente de Gn 1,1 em relação ao v. 2. É quando uma tal posição é marcada que emerge o contraditório entre as expectativas da criação, no v. 1, e a situação de desolação da terra, no v. 2. Recentemente, David Tsumura apresentou uma nova explicação para essa já antiga posição de Gunkel. Tsumura mantém a independência sintática de Gn 1,1, mas apresenta uma explicação completamente diferente da de Gunkel para o v. 2. Tsumura promove uma radical "desmitologização" da narrativa, explicando que a expressão ṯōhû wāḇōhû do v. 2 deve ser compreendida, nada mais, nada menos, do que como uma referência ao

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

---

[104] H. GUNKEL, *Genesis*, p. 104. Cf. A. HEIDEL, *The Babylonian Genesis. The Story of the creation*, p. 89; F. K. FLINN, The Phenomenology of Symbol – Genesis I and II, in: W. S. HAMRICK (ed), *Phenomenology in Practice and Theory*, p. 233; e M. Z. BRETTLER, *How to Read the Bible*, p. 41.

[105] Para a refutação da "criação a partir do nada" em Gn 1,1-3, e a observação da passagem de 2 Mac 7,28 como um caso de "rememoração imaginativa", cf. W. BRUEGGEMANN, *An Introduction to the Old Testament: The Canon and Christian Imagination*, p. 35. Recorra-se, ainda, a Sab 11,17: κτίσασα τὸν κόσμον ἐξ ἀμόρφου ὕλης – "criou o cosmos de matéria amorfa". Também à época, pelo que se vê, havia distintas "correntes" teológicas e, se o cosmos havia sido criado do nada ou de matéria amorfa, isso era uma questão de *opinião* – logo, *fé*. É muito curioso, por exemplo, que, comentando Sb 11,17, Ney Brasil Pereira esteja pronto para admitir que, aí, trata-se de uma referência ao caos pré-cosmogônico, "e correspondendo à *terra informe e vazia* de Gn 1,2 e ao *abismo* das águas primordiais segundo Gn 1,3" (sic), mas que "contrastando com a afirmação absoluta do v. inicial da Bíblia: *No princípio, Deus criou o céu e a terra* (Gn 1,1)" (cf. N. B. PEREIRA, *Livro da Sabedoria. Aos governantes, sobre a justiça*, p. 153. Não há nenhuma observação *in loco*, mas a posição de Ney Brasil Pereira equivale, na prática, a de Gunkel – salva-se a criação *ex nihilo* em Gn 1,1, e concede-se o elemento propriamente cultural e mítico próximo-oriental em Gn 1,2. Se, com isso, rasga-se um fosso entre os dois versos, não parece ter sido considerado importante. Contra a referência à *criatio ex nihilo* supostamente expressa pela raiz brʾ, cf. W. H. SCHMIDT, ברא *brʾ*, in: E. JENNI e C. WESTERMANN (ed), *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*, p. 486-491.

fato de que, recém-criada, a "terra" encontra-se improdutiva e desabitada[106]. Tsumura argumenta, ao modo (nesse particular) da presente Tese, de que, na Bíblia Hebraica, tais termos descrevem, sempre, regiões e condições geográficas naturais, estados de desertificação e desabitação de lugares, pela guerra, ou ainda desertos naturais[107]:

> Poderia ser razoável compreender a frase ṯōhû wāḇōhû em Gn 1,2, assim, como a descrição de um estado de 'desolação e vazio' (...). A intenção do autor em descrever a terra no seu estado inicial como ṯōhû wāḇōhû não era apresentar a terra como 'o terrível, assustador, ermo deserto", mas introduzir a terra como sendo 'não ainda' normal[108].

E, ainda:

> Em conclusão, a frase ṯōhû wāḇōhû em Gn 1,2, que é tradicionalmente traduzida em inglês "sem forma e vazia" (...) simplesmente significa "vazio" ['emptiness'] e se refere a terra, que estava um lugar desolado e vazio, 'um improdutivo' e 'desabitado' lugar[109].

David Tsumura explica a estrutura sintático-narrativa de Gn 1,1-3, então, da seguinte forma. O v. 1 – da mesma forma como, há um século, fazia Gunkel – consiste numa afirmação categórica e absoluta, independente em relação ao v. 2. Criam-se, ali, os céus e a terra. Ponto. No v. 2, o foco afasta-se do conjunto céus e terra, e aponta, apenas, para a terra. Nesse momento, a terra está desabitada – não há animais nem homens – e improdutiva – não há vegetação. Aí, no v. 2, rûªḥ ᾽ĕlōhîm, que Tsumura considera corresponder, primeiro, ao "God's spirit"[110], corrigindo-se, mais tarde, para "the breath of God"[111], surge como uma "antecipação" do v. 3, quando afirmar-se-á que "let there be light"[112].

Da mesma forma que em relação aos argumentos exegéticos de Hermann

---

[106] Cf. D. TSUMURA, *Creation and Destruction*, p. 35.
[107] Idem, p. 22-35.
[108] Idem, p. 33.
[109] Idem, p. 35.
[110] Idem, p. 35.
[111] Idem, p. 75. Depois do primeiro capítulo, onde a expressão rûªḥ ᾽ĕlōhîm é traduzida como "God's spirit", no terceiro capítulo, Tsumura argumenta dever-se traduzi-la "the breath of God", relacionando-a ao conceito de palavra criativa, daí "sopro". Recusa expressamente a interpretação de G. von Rad, "storm of God" (cf. G. VON RAD, *Genesis*, p. 49-50), bem como a declaração de T. C. Vriezen (cf. T. C. VRIEZEN, *Ruach Yahweh (Elohim) in the Old Testament*, p. 9) de que rûªḥ ᾽ĕlōhîm não constituiria, em Gn 1,2, uma força criativa da divindade, contra-argumentando a partir de Ez 37,14; Sl 104,30; Pr 33,6 e Gn 2,7.
[112] Cf. D. TSUMURA, *Creation and Destruction*, p. 33-35.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

Gunkel, mas, agora, em outras bases interpretativas, os argumentos de David Tsumura ainda têm por conseqüência impor que haja duas declarações de criação em Gn 1,1-3. A primeira, absoluta e geral, resumo de toda a narrativa, no v. 1: ᾽ĕlōhîm criou os céus e a terra. Funcionando como uma espécie de *abstract*, o v. 1 abre passagem para a descrição, então, da terra, como estando, aí, assim que ela termina de ser criada, no v. 1, por ᾽ĕlōhîm, como uma casa sem moradores nem alimento. Tsumura explica que a intenção do narrador é deixar seus ouvintes conscientes de que a criação consiste num processo de preparação, cujo início dá-se já pela presença do "God's spirit", já no v. 2, e inaugura-se com o *fiat lux*. do v. 3, nesse caso, reduzido à organização da terra – já então criada. Dir-se-ia, portanto, que, segundo David Tsumura, Gn 1,1-3 descreve os atos teológicos da divindade, que, primeiro cria os céus e a terra, e, em seguida, prepara gradativamente a terra como morada humana. O elemento "mitológico" esvai-se completamente – exceto, naturalmente, na sua dimensão "criacionista" –, de modo que emerge um princípio de "naturalização teológica" da narrativa cosmogônica.

Embora distantes um século uma da outra e ainda divergentes no conteúdo, as posições de Hermann Gunkel e David Tsumura têm em comum o fato de que desconsideram a possibilidade de que Gn 1,1 consista numa oração subordinada, dependente, então, do v. 2. Suas respectivas soluções, entretanto, são consideravelmente divergentes, Gunkel tendendo a uma concessão mitológica traditiva à cosmogonia de Gn 1,1-2,4a[113], e David Tsumura recusando-se radicalmente a fazê-lo. As duas leituras, mitológica e teológico-naturalista, de Gunkel e Tsumura, podem ser consideradas representativas das correntes de interpretação de Gn 1,1-2,4a que marcaram o último século.

E são, contudo, tributárias da assunção teórico-metodológica de que Gn 1,1 consiste numa oração independente – e isso contra a) a possibilidade sintática em contrário, que admitem, mas contornam, b) o fato de que a narrativa de Gn 2,4b-3,24 constitua um modelo de cosmogonia com abertura subordinada, e c) o argumento de que a série de cosmogonias próximo-orientais testemunha o bastante difundido padrão subordinativo da cláusula de abertura de suas

[113] Cf. o capítulo Genesis 1 is not a free contruction of the author, em H. GUNKEL, *Creation and Chaos in the primeval er and the escaton*, p. 5-12, segundo o qual Gn 1 seria tributário da cosmogonia babilônica.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

respectivas narrativas[114].

Quando Gn 1,1 é tratado como sintaticamente tributário do v. 2, o paradoxo do estado da terra desaparece, porque impõe-se, nesse caso, considerar-se que a cosmogonia não tem em vista qualquer elemento de *creatio ex nihilo*, mas parte, no que diz respeito a *esse ato criativo em particular*, de uma terra cujo estado é descrito, então, quando ʾĕlōhîm começa "a criação do céus e da terra", como ṯōhû wāḇōhû. Naturalmente que, independentemente da concessão mitológica ou da desmitologização teológico-naturalista das respectivas posições, é necessário admitir a maior adaptabilidade desse tipo de explicação à teologia cristã da criação, conforme desenvolvida séculos depois da redação de Gn 1,1-2,4a. É de fato possível observar que a característica principal de ambas as posições é um compromisso tácito com o discurso teológico-doutrinário cristão: o "mundo" – subentendido, aí, sempre, o "universo" (segundo o Hubble o enxerga!), foi criado por um ato maravilho de Deus, do nada. Essa teologia encontra-se por trás dos esforços, seja de Hermann Gunkel, moderadamente, seja de David Tsumura, mais explicitamente, e opera as ferramentas heurísticas da interpretação que Gunkel e Tsumura levam a termo. A questão que, então e contudo, se coloca é se a retroprojeção teológica, nesse caso, trabalha a favor ou contra a compreensão histórico-social de Gn 1,1-3, principalmente em se tratando da tentativa de desvendar-lhe, histórico-criticamente, o *Sitz im Leben* original.

A presente Tese não acompanha a opção de considerar-se Gn 1,1 como uma oração independente. Com isso, desaparece o "paradoxo" da passagem de Gn 1,1 para Gn 1,2, uma vez que a relação entre o v. 1 e o v. 2 revela-se de subordinação daquele em relação a este. É somente quando já se pressupõe saber o que – aí – significa "criação" (negligenciando-se teórico-metodologicamente o fato de que o conceito de "criação", conforme articulado em Gn 1,1-3, dever ser extraído de Gn 1,1-3 enquanto histórica e pragmaticamente situado, e não de conceitos teológicos posteriores, quaisquer que sejam), que se procura explicar a estrutura literária da passagem à luz desse já previamente assumido conceito de criação. É necessário, porém, perguntar à narrativa do que ela está falando, quando fala de criação, para, então, compreendê-la em seus próprios termos. Em nenhuma hipótese heurístico-venatória, a história dos efeitos da narrativa tem necessariamente qualquer coisa a

[114] Cf., acima, a seção 1.8 – Cosmogonia próximo-oriental e cláusula temporal discursivo-narrativa, de modo particular, e, de modo geral, o capítulo 1 da presente Tese.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

dizer sobre o sentido original dessa mesma narrativa – salvo se essa história se manteve na estrita observância da *intentio auctoris*. O que não foi o caso[115]. Para a exegese, o que se diz hoje de Gn 1,1-3 não apenas pode constituir equívoco histórico-social, em face do que a narrativa teria significado na sua origem, mas pode constituir-se em obstáculo epistemológico para a determinação histórico-crítica do *Sitz im Leben* que, então, a determinava – e a determina, se a pretensão é, de fato, histórico-crítica.

3.9
Conclusão

> **1.**[1]No princípio do criar de ʾĕlōhîm os céus e a terra, [2a]então a terra estava uma desolação e um deserto, [2bα]pois treva (havia) sobre as faces d(o) abismo [2bβ]e um vento tempestuoso soprava sobre as faces das águas. [3]Então disse ʾĕlōhîm: 'seja a luz', e a luz foi.

A Tese propõe duas alterações relativamente simples à configuração impressa do texto hebraico de Gn 1,1-3 da BHS. De uma lado, propõe – e trabalha com – a vocalização bərōʾ da raiz brʾ, assumindo, com isso, que Gn 1,1 funcione como oração subordinada adverbial temporal, cuja função retórica é circunstanciar temporalmente (v. 1) a situação em que Jerusalém se encontra (v. 2 – descrição, 2a, e explicação do cenário descrito, 2b), quando a Pérsia autoriza Zorobabel a reconstruir o templo e a cidade (v. 3). A "criação" de Jerusalém encontra-se no v. 3 – descrita simbólico-culturalmente e mítico-simpaticamente pela emergência da "luz" no meio da "treva" cosmogônica. O v. 1 tão somente circunstancia temporalmente essa criação do v. 3, enquanto o polêmico v. 2 apenas descreve o estado de desolação e de deserto de Jerusalém durante o período em que, destruída pelos babilônicos, esteve em ruínas.

De outro lado, a Tese propõe que a divisão dos estíquios do v. 2 seja

[115] Sb 11,17 ainda se mantinha nessa perspectiva. 2 Mac 7,28, por sua vez, abriu uma picada, e foi por aí que a história da recepção, ou dos efetios, de Gn 1,1-2,4a se desdobrou, afastando-se, julga a Tese, com um só passo, do *Sitz im Leben*, do "sentido" e da intenção de Gn 1,1-2,4a.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA

corrigida. Enquanto a BHS interpõe o sinal diacrítico de divisão principal em ṯəhôm, isolando sintaticamente a referência ao rûªḥ ʾĕlōhîm do contexto mais imediato de ṯōhû wāḇōhû, de māyim e do próprio ṯəhôm, a Tese, porque entende que há paralelismo sinonímico entre, de um lado, "águas" e "abismo" e, de outro, "treva" e "vento tempestuoso", retroage o disjuntivo principal para a, então, primeira parte do v. 2: "então a terra estava uma desolação e um deserto".

Gn 1,1-3 teria sua origem na determinação monárquica, sob a autoridade persa, de reconstrução de (do templo) de Jerusalém – *isso* é, aí, a "criação" (cf. Sl 102,17-19). O "estilo" sacerdotal" é secundário, portanto, em relação à "ideologia" da realeza – elemento marcante das cosmogonias próximo-orientais. O conjunto de elementos – "realeza", "cosmogonia", "terra" – à luz das relações fenomenológico-religiosas levantadas no capítulo anterior – "criação" = construção da οἰκουμένη (= redoma civilizatória de uma sociedade determinada histórico-geopoliticamente = rei + cidade-território + povo) permite sustentar a hipótese, plausível, sustentável em termos indiciários, teórico-metodologicamente procedente, de que Gn 1,1-3 aponte para o mesmo *Sizi im Leben* – e refere-se, portanto, à reconstrução do Templo de Jerusalém como epicentro cosmogônico da οἰκουμένη judaíta, sob Zorobabel e Josué – e a Pérsia.

A hipótese de trabalho que a Tese defense e sustenta encontra um considerável fundamento "externo" – o resultado das pesquisas sobre "cosmogonia", "templos", "cidades", "política", "monarcas", "povos", no contexto do Crescente Fértil. Cosmogonias são instrumentos políticos de significação (mítico-simpática) e legitimação (retórico-cultural) da emergência geopolítica de uma οἰκουμένη – cada οἰκουμένη próximo oriental (babilônica, ugarítica, egípcia, mas, também, persa, anatoliana, grega) tem sua própria cosmogonia como fudamento mítico-simpático e retórico-cultural. Se a investigação "externa" ratifica a Tese, a investigação "interna" – semântico-fenomenológica dos termos de Gn 1,1-3 conforme distribuídos na Bíblia Hebraica – deverá resultar num segundo apóio retórico para o postulado de que Gn 1,1-3 refere-se à construção do Templo de Jerualém, por Zorobabel, em 515. Porque "criação"/"cosmogonia" = "construção-reconstrução". E a Bíblia Hebraica deve confirmar isso.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410253/CA